



53º FESTIVAL DO
folclore
ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA - SP

A DELÍCIA DA MISTURA
DO FOLCLORE BRASILEIRO

05 A 13
DE AGOSTO
JUBILEU DE CAJU



DANÇA, MÚSICA, CULINÁRIA, ARTESANATO, LITERATURA,
ATIVIDADES EDUCATIVAS, RECREATIVAS E CULTURAIS.

PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS E TURÍSTICAS PROF. JOSÉ SANT'ANNA
ENTRADA FRANÇA

REALIZAÇÃO:



PREFEITURA
ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA

SECRETARIA
MUNICIPAL
DE CULTURA,
ESPORTES E LAZER



www.folcloreolimpia.com.br

53º FESTIVAL DO FOLCLORE

Olímpia, julho de 2017.

ESPECIAL CONVITE

Muito nos apraz a honrosa oportunidade de poder auxiliar, de modo mais atuante, na dignificadora função de dar continuidade ao magnânimo trabalho iniciado pelo longânimo criador do Festival do Folclore de Olímpia, Prof. José Sant'anna, que fez deste Município um pujante e valoroso polo difusor da preservação da cultura popular.

Foi inclusive aprovado na Câmara dos Deputados e tramita no Senado Federal Projeto de Lei de nº 6150/2013, de autoria do deputado Sandro Mabel, que outorga ao Município de Olímpia o título de "Capital Nacional do Folclore", o que é motivo de efetiva jubilação para nós olimpienses, nativos, adotivos, naturais ou cordiais.

No transcurso da nossa festa maior, as mais expressivas manifestações da cultura popular brasileira são apresentadas neste singular evento, que se notabiliza por reunir, num mesmo encontro, o maior número de grupos folclóricos e de projeção folclórica, celebrando apoteoticamente a opulência cultural do Brasil.

O conceito de folclore, na atualidade, não mais se restringe a "cultura das classes menos favorecidas", de maneira que, o anonimato de inumeráveis fenômenos folclóricos faz com que as manifestações populares pertençam a todos nós, são de "domínio público", como dizem os folclorólogos.

Destarte, não há cobrança de ingresso, pois se trata de uma "festa do povo", como reiteradamente afirmava seu idealizador.

Do mesmo modo, não há ensejo, na "nossa festa maior", para maniqueísmo, proselitismo, antagonismo, mas, sim, para uma festiva confraternização para celebrarmos a monumental riqueza do folclore brasileiro.

Estamos todos cientes de que instabilidades conjunturais nas diversas esferas de governo vêm arrefecendo a expectativa de uma mais dinâmica parceria com outras entidades e órgãos públicos para a realização do Festival, lembrando, porém, que em momentos adversos é que os verdadeiros empreendedores se revelam pertinazes.

Seja como for, temos o otimismo necessário para perseverar na busca de uma abrangente confluência com outros órgãos governamentais para que haja uma maior representatividade dos entes da federação brasileira em nosso evento.

Não convém esquecermos, outrossim, que o Festival do Folclore de Olímpia ainda é o maior de Brasil, no gênero, e que, mais construtiva do que qualquer crítica, é a participativa colaboração, inclusive na plateia, prestigiando os grupos folclóricos e parafolclóricos cujos integrantes deixam seus familiares, seus afazeres, provenientes de distantes localidades, muitos deles às vezes em viagens que duram dias, por vias terrestres, para realizar essa pujante festa.

Por isso, convidamos a todos, para, mais uma de muitas vezes, festejarmos espetacularmente a cultura popular brasileira.



FERNANDO AUGUSTO CUNHA
Prefeito Municipal



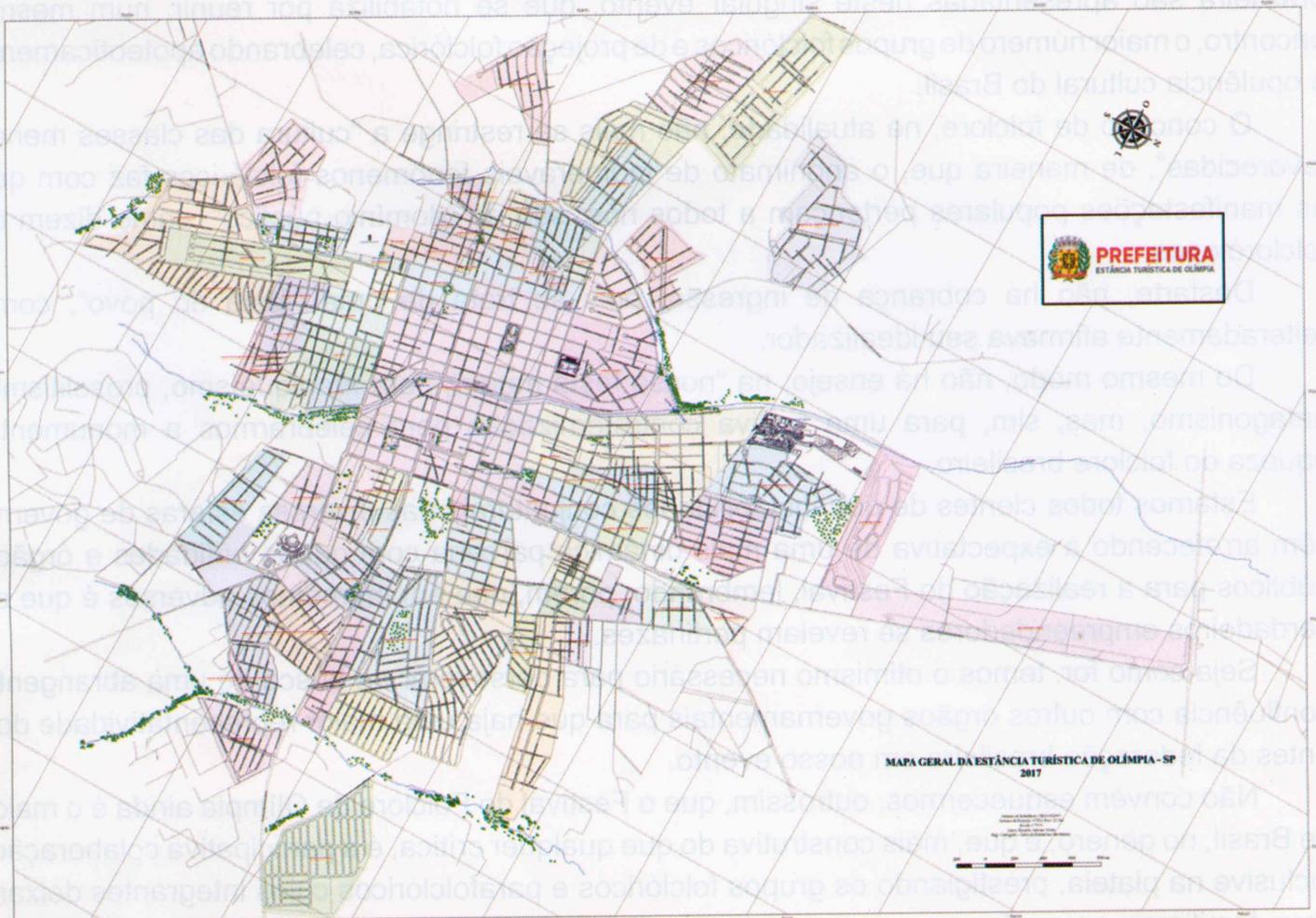
TINA RISCALI
Secretária Municipal de Cultura,
Esporte e Lazer

O MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA

A origem do Município de Olímpia deve-se ao espírito empreendedor do engenheiro escocês Robert John Reid, quando este, no limiar do século passado., contratado pelos condôminos do Sertão dos Olhos D'água para demarcar aquelas terras, convenceu-os da auspiciosa oportunidade de ali se fundar um



povoado, povoado este que, posteriormente, conforme disposição da Lei Estadual n.º 1.035, se tornou distrito, a 18 de dezembro de 1906, o qual, por sua vez, no dia 19 de dezembro do mesmo ano foi elevado à categoria de vila pela Lei n.º 1.038;



O Município, cujo território se desmembrou do de Barretos, foi, enfim, criado em virtude da Lei n.º 1.571, de 7 de dezembro de 1917, que também concedeu foros de cidade à sede municipal, tendo sua instalação se verificado em 7 de abril de 1917. Atualmente, compreende os distritos de Olímpia (sede), Baguaçu e Ribeiro dos Santos.

Em 3 de julho de 2013 foi aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo o Projeto de Lei nº 877/2013, de autoria Governador Geraldo Alckmin, convertido em Lei, de nº 15.536, de 25/07/2014, por meio da qual Olímpia passou a ser “Estância Turística”.

A denominação da cidade deriva de “Maria Olímpia”, filha de um influente político da região e afilhada do engenheiro Reid, a quem este quis prestar uma homenagem.

A ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA EM NÚMEROS:

População estimada	53.702 habitantes (IBGE)
Densidade demográfica	66,31 habitantes Km ²
Área da unidade territorial	804,65 Km ²
Latitude	-20° 44' 13,20' ‘
Longitude	-48° 54' 54,00' ‘
Produto Interno Bruto	1.121,63 (em milhões de reais correntes)
Número de Distritos	02 - Baguaçu e Ribeiro dos Santos
Código do Município no IBGE	3533908
Hierarquia Urbana	Centro de Zona A

O município de Olímpia localiza-se na região Norte do Estado. Em situação privilegiada em termos de acessibilidade, encontra-se a 417 Km da capital da capital, a 130 Km da cidade de Ribeirão Preto, a 52 Km de São José do Rio Preto, a 50 Km de Barretos, a 50 Km de Bebedouro e a 48 Km de Catanduva.

A cidade é servida pelas rodovias: - Rodovia Anhanguera (SP-330), Washington Luis (SP-310), Rodovia Brigadeiro Faria Lima (SP-326), Rodovia Armando Sales de Oliveira (SP-322), km 442, cujo acesso se dá através da Rodovia dos Bandeirantes (SP-348) e/ou Rodovia Anhanguera (SP-330), Whashington Luis (SP-310), no km 395 (Catiguá, Tabapuã e Olímpia).

ACESSO A OLÍMPIA



FOLCLORE



“Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza

a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos” (Releitura da Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951, VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995).

O termo “folclore” é constituído por dois vocábulos do antigo inglês: *folk* (que quer dizer “povo”, que, por sua vez, pode significar “nação”, “multidão” ou “plebe”, gente simples, pobre) e *lore* (sabedoria, conhecimento).

Assim, “folclore” (“conhecimento emanado do povo”), para os autores contemporâneos, se equivale a “cultura popular”.

Folclore é o conjunto das manifestações decorrentes da cultura espontânea e empírica do povo, de um modo geral _ não só das classes “inferiores” da



sociedade, os pobres, os analfabetos ou semi-analfabetos, como anteriormente se definia.

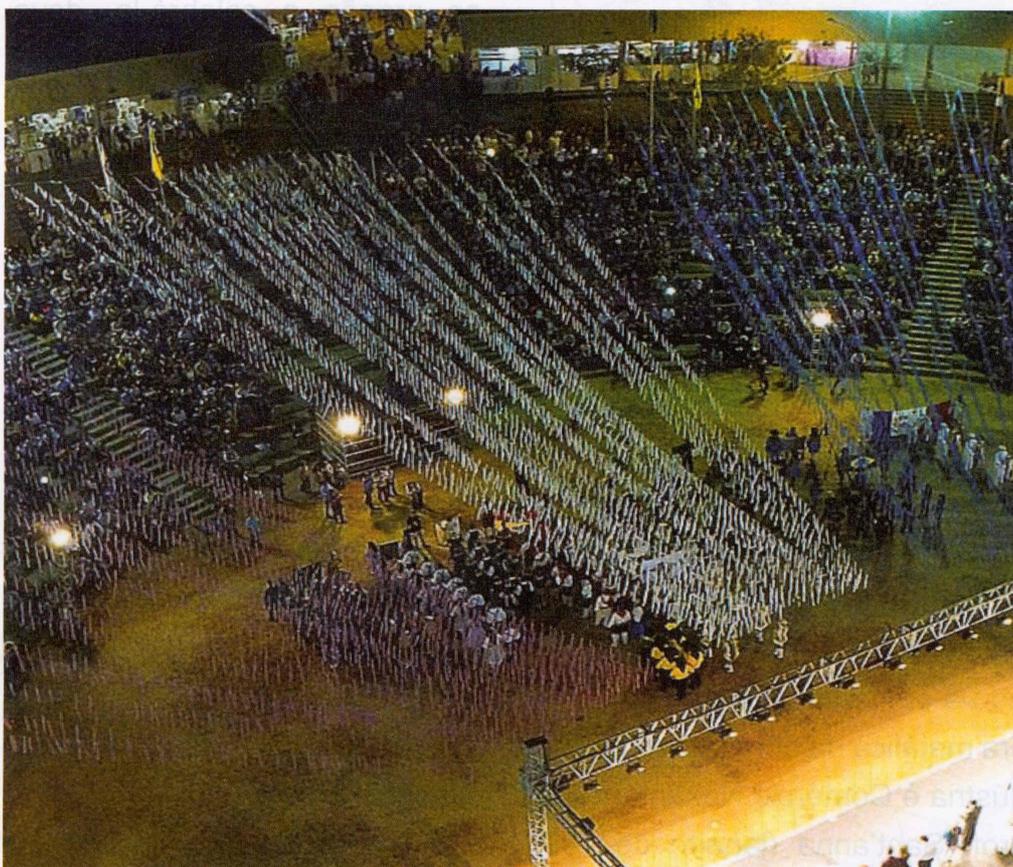
É chamada cultura empírica e espontânea (ou informal), porque ela se produz sem a

interferência direta do ensino oficial, ou erudito (emanado das escolas, universidades e livros); e também porque é aprendida e desenvolvida por meio da observação, da imitação, da experiência, sem teorias.

Outra característica fundamental da manifestação folclórica, além da espontaneidade e empirismo de que já falamos, é a aceitação coletiva, que é a aceitação da manifestação e seu efetivo uso pelo povo; ela tem que estar de acordo com o modo de pensar e interpretar do povo, enfim, ela tem que “pegar”, como se usa dizer na linguagem popular.

Características secundárias são anonimato (autoria desconhecida), oralidade (transmissão de “boca a ouvido”, não escrita) e tradicionalidade _ de *tradição*, no sentido de transmitida de geração a geração (deveria ser entendida como “entrega”, “transmissão”, de um modo em geral, não só de “coisa do passado” transmitida de uma geração a outra). São secundárias porque, se faltarem, não deixará de ser considerada folclórica uma manifestação que apresente as outras características fundamentais a que nos referimos.

Acrescente-se que, tal como ocorre nos fenômenos sociais em geral, as manifestações folclóricas apresentam também as características de dinamicidade (constante reelaboração e modificação por que passa uma manifestação folclórica, de um lugar para outro, e no decorrer do tempo) e funcionalidade (razão de existir e um propósito para sua existência: entreter, celebrar, orientar).



O FESTIVAL

Olímpia realiza anualmente a mais monumental celebração da cultura popular brasileira, o Festival do Folclore de Olímpia, o maior do gênero, no Brasil, no qual se reúnem grupos folclóricos e parafolclóricos oriundos de diversos pontos do país, de quase todos os Estados, que ora chega à sua 53ª edição.

São dezenas de grupos, uma média de 70,

a cada ano, que apresentam danças e folguedos representativos dos mais diversos rincões do país. Muitos deles, inclusive, persistem e se mantêm vivos graças a esse evento.

O mencionado festival, detentor de grande prestígio, principalmente entre estudiosos do assunto _ os quais, aliás, ensejaram a Olímpia o título “Capital do Folclore” _ realiza-se no Recinto de Exposições e Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna” (o criador do evento), situada na Av. Menina-Moça, nº 800, Vila Hípica, Olímpia/SP.

De sua programação constam, além de danças e folguedos folclóricos: cursos, palestras e seminários concernentes ao folclore brasileiro; gincana e oficina de brinquedos tradicionais infantis; exposições de peças artesanais; concursos de pintura, escultura, poesia, fotografia e artesanato sobre o tema folclore; campeonatos de truco, malha e bocha; filatelia de motivos folclóricos; culinária brasileira, passeios e desfiles dos mencionados grupos pelas ruas centrais e pelos bairros e distritos olimpienses, entre outras atividades.



Os objetivos do Festival consistem em difundir o folclore, contribuindo para sua preservação; comemorar o mês do folclore; estimular e cultivar a atividades de grupos folclóricos; proporcionar oportunidades para o estudo e a apreciação de fenômenos folclóricos.

A entrada é franca, pois se trata de folclore, cultura do povo, e, sendo assim, um festival que se propõe a celebrá-lo, deve,

também, ser uma festa de todos, uma festa do povo, como dizia seu idealizador.

A PRAÇA DAS ATIVIDADES FOLCLÓRICAS "PROF. JOSÉ SANT'ANNA"

Na 22.^a edição do Festival do Folclore, em 1986, em virtude do recrudescimento da nossa festa maior e, concomitantemente, da gradual redução do espaço disponível na Praça da Matriz de São João Batista e, posteriormente, no Centro de Esportes "Olinto Zambom", onde, após 18 festivais na Praça, se realizaram a 19.^a, a 20.^a e a 21.^a etapas do FEFOL, construiu-se-lhe casa própria: a "Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", assim denominada por iniciativa do então vereador José Sant'anna (Projeto de Lei n.º 2.150) para homenagear o alcaide que, aliado à força empreendedora do criador do festival, num épico feito, procedeu à construção do "folcloródromo", realizando-a em pouco mais de quatro meses.

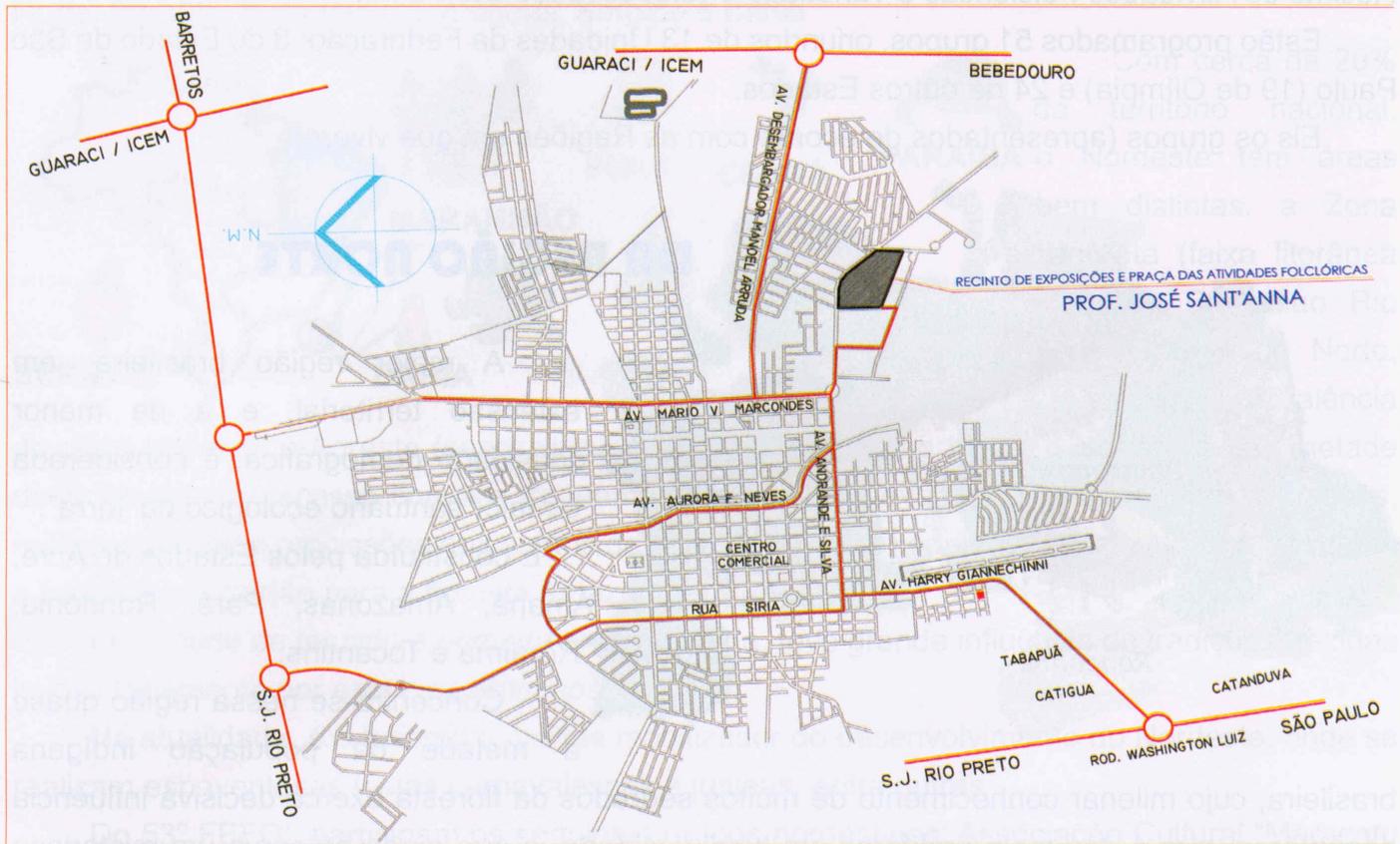
A execução da estrutura metálica da obra (aproximadamente 9 mil m²) foi concluída no prazo recorde de 45 dias pela Indústria e Comércio Nakamura Ltda., empresa olimpiense.

Com a partida do Prof. Sant'anna (janeiro de 1999), em que se lhe precipitaram as homenagens, Projeto de Lei de autoria do vereador Vicente Augusto Batista Paschoal (de n.º 3.074/97) foi unanimemente aprovado pela Casa Legislativa olimpiense, convertendo-se na Lei n.º 2.723, de 10/2/99, cujo teor determinou a alteração do nome da casa própria do festival, que, desde então, passou a chamar-se "Recinto de Exposições e Praça das Atividades Folclóricas 'Professor José Sant'anna'".

Situado na Avenida Menina-Moça, Olímpia/SP, tem cerca de 96.800 m² de espaço disponível, sendo 6.500 de área construída.

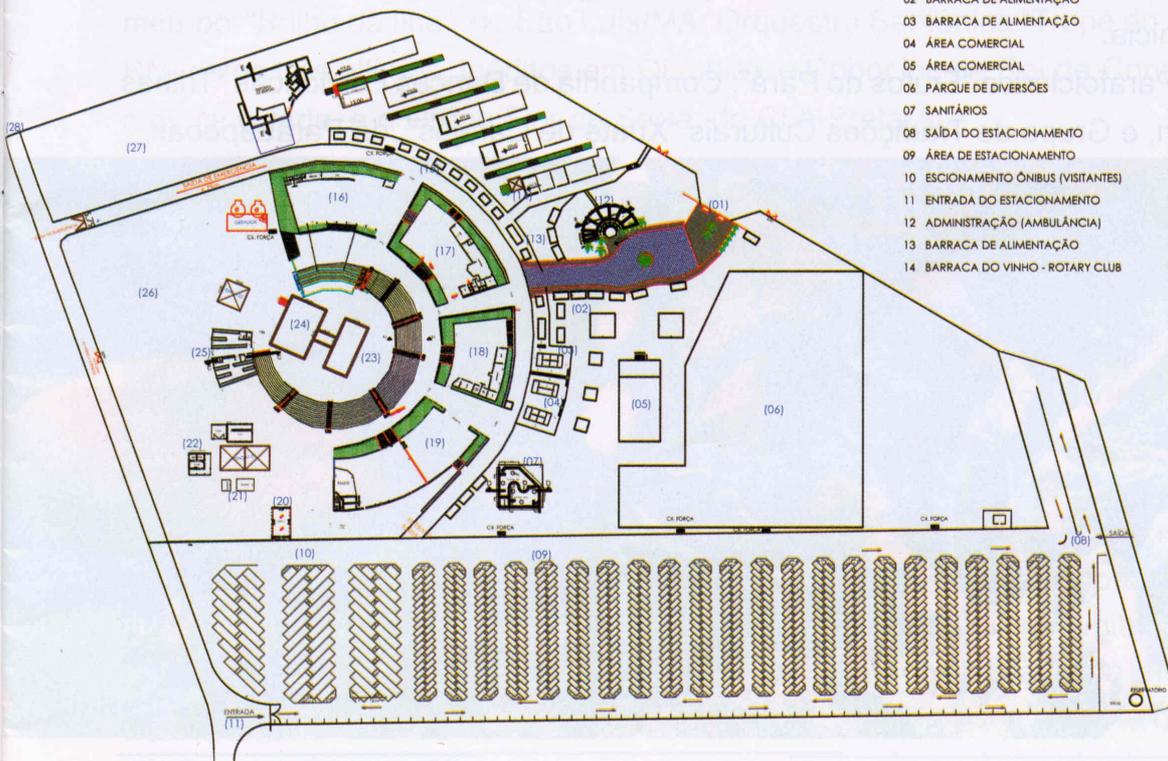
Paulatinamente, em consonância com as disponibilidades econômicas do Município, cresce e se consolida o maior monumento que se erigiu às atividades folclóricas no país.

COMO CHEGAR AO RECINTO



DESENHO ELABORADO POR GERSELEI J. B. OLIVEIRA

SITUE-SE NO RECINTO DO FOLCLORE



LEGENDA:

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 01 ENTRADA PRINCIPAL | 15 BARRACA DE ALIMENTAÇÃO |
| 02 BARRACA DE ALIMENTAÇÃO | 16 BARRACAS DE ALIMENTAÇÃO E APRESENTAÇÕES |
| 03 BARRACA DE ALIMENTAÇÃO | 17 BARRACAS DE ALIMENTAÇÃO (ENTIDADES ASSISTENCIAIS) |
| 04 ÁREA COMERCIAL | 18 BARRACAS DE ALIMENTAÇÃO (ENTIDADES ASSISTENCIAIS) |
| 05 ÁREA COMERCIAL | 19 PAVILHÃO CULTURAL |
| 06 PARQUE DE DIVERSÕES | 20 CAPELA DE SANTOS REIS |
| 07 SANITÁRIOS | 21 CASA DO CAPIRA |
| 08 SAÍDA DO ESTACIONAMENTO | 22 CASA DO CABOCLO |
| 09 ÁREA DE ESTACIONAMENTO | 23 ARENA |
| 10 ESCIONAMENTO ÔNIBUS (VISITANTES) | 24 PALCO |
| 11 ENTRADA DO ESTACIONAMENTO | 25 CAMARINS |
| 12 ADMINISTRAÇÃO (AMBULÂNCIA) | 26 ESTACIONAMENTO / ÔNIBUS (GRUPOS) |
| 13 BARRACA DE ALIMENTAÇÃO | 27 ESTACIONAMENTO AUTORIDADES |
| 14 BARRACA DO VINHO - ROTARY CLUB | 28 ENTRADA ESTACIONAMENTO AUTORIDADES E GRUPOS |

Mariana Santos

O 53º FESTIVAL DO FOLCLORE

Grupos folclóricos e parafolclóricos provenientes de todas as Regiões do país tradicionalmente participam do Festival do Folclore de Olímpia, cuja 53ª edição se realizará de 5 a 13 de agosto, no Recinto de Atividades Folclóricas e Turísticas "Professor José Sant'anna".

Estão programados 51 grupos, oriundos de 13 Unidades da Federação: 8 do Estado de São Paulo (19 de Olímpia) e 24 de outros Estados.

Eis os grupos (apresentados de acordo com as Regiões em que vivem):



DA REGIÃO NORTE

A maior região brasileira, em extensão territorial, e a de menor densidade demográfica, é considerada "o maior santuário ecológico da Terra".

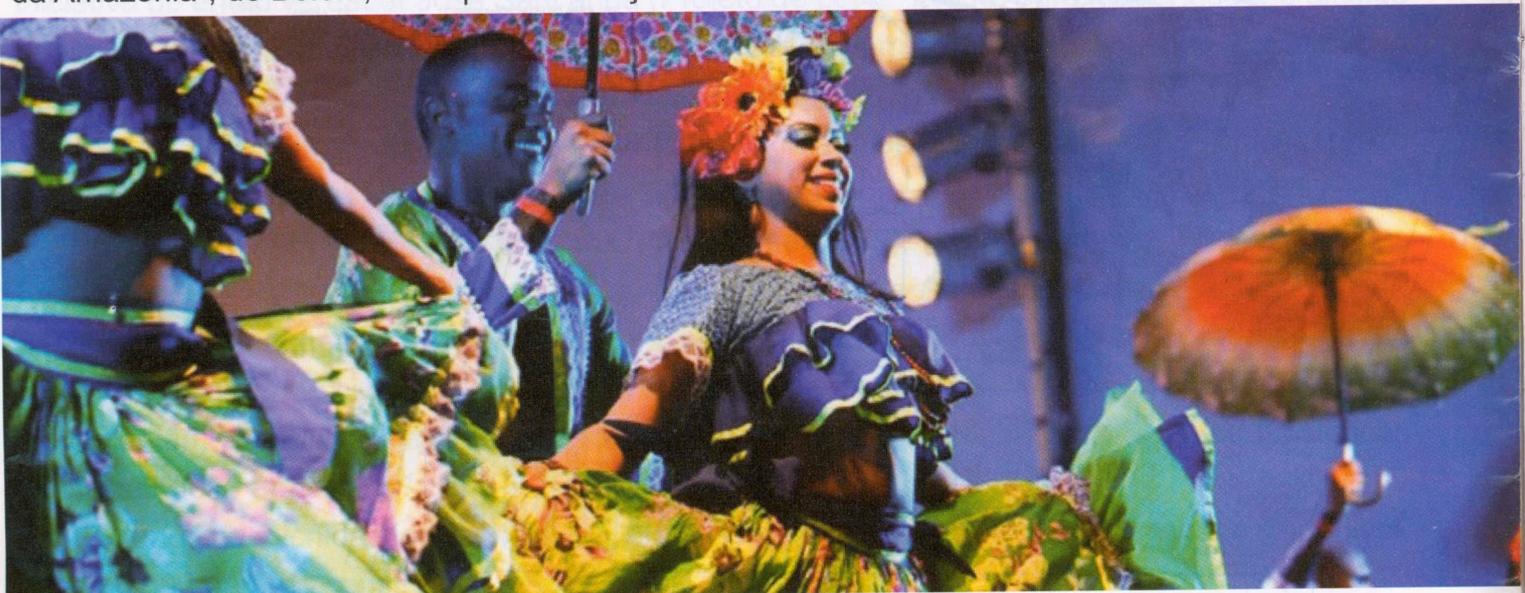
É constituída pelos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Concentra-se nessa região quase a metade da população indígena brasileira, cujo milenar conhecimento de muitos segredos da floresta exerce decisiva influência nessa área, que é das mais prolíferas em biodiversidade, e que ainda preserva um misterioso mundo a se descobrir.

Uma riquíssima diversidade cultural se produz a partir da fauna, da flora, das tradições indígenas, negras, portuguesas e também dos muitos migrantes nordestinos.

Neste 53º Festival do Folclore, será representada por três grupos do Estado do Pará, onde, dizem, a Amazônia se inicia.

São estes: Grupo Parafolclórico "Frutos do Pará"; Companhia de Danças Folclóricas "Trilhas da Amazônia", de Belém, e Grupo de Tradições Culturais "Xuatê de Carajás", de Parauapebas.



DA REGIÃO NORDESTE

Foi onde o Brasil se iniciou com o aportamento de caravelas portuguesas no litoral baiano, em 1500, e o ulterior processo de miscigenação do povo brasileiro.

Nesta região se encontram os seguintes Estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia



Com cerca de 20% do território nacional, o Nordeste tem áreas bem distintas: a Zona da Mata (faixa litorânea da Bahia ao Rio Grande do Norte, com prevalência

do clima tropical); o Agreste (seara com relevante produção agrícola); o Sertão (quase metade do Nordeste, de escassa chuva e frequente temperatura elevada, cujos moradores, religiosos, realizam preces e procissões aos santos de que são devotos) e, ainda, o Meio-Norte (que marca a transição do sertão para a floresta Amazônica).

Em virtude de ter sido a primeira área ocupada, teve grande influência de tradições trazidas involuntariamente por escravos africanos.

Na atualidade, é o turismo o grande mobilizador do desenvolvimento do Nordeste, onde se realizam espantosas festas carnavalescas e juninas, entre outras.

Do 53º FEFOL participam os seguintes grupos nordestinos: Associação Cultural “Maracatu Az de Ouro”, Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” e o Grupo de Tradições Folclóricas “Raízes Nordestinas” (Fortaleza/CE); Balé Folclórico “Sisais”, de Pocinhos/PB (estreando no FEFOL); Reisado Zé de Moura, de Poço de José de Moura (PB), e Tradições Populares Acauã da Serra, de Campina Grande/PB; Grupo de Expressão Popular “Flor e Barro”, de Caruaru/PE; o Bumba-meu-boi “Brilho da Ilha”, de São Luís/MA; Orquestra Sanfônica “Trupé do Sertão”, de Major Sales/RN (estes três últimos, inéditos em Olímpia), e Caboclos de Rei de Congo do “Mestre Bebê”, da mesma cidade, e o Grupo Flor da Serra, de Chã-Preta/AL.



GRUPO DE EXPRESSÃO POPULAR “FLOR E BARRO”

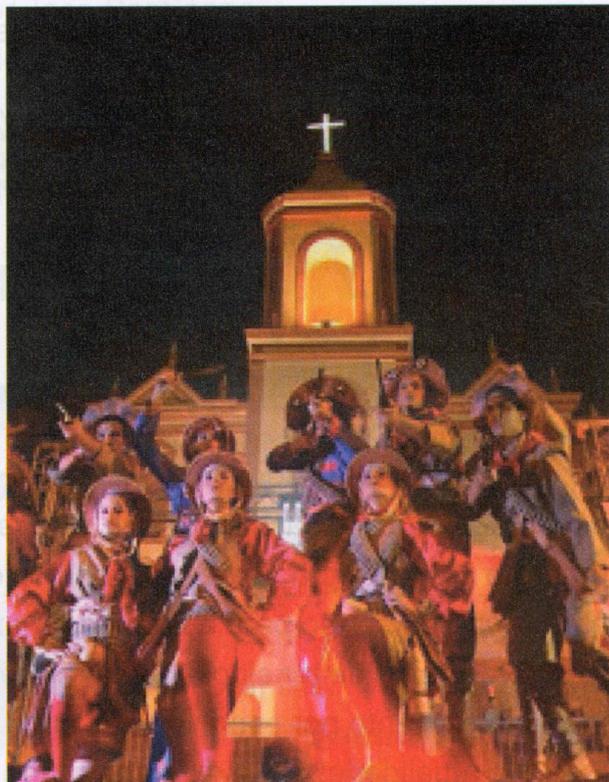
De Caruaru/PE, e em atividade há 13 anos, o grupo busca mostrar como seus antepassados “se uniam para vencer as adversidades”, bem como “suas conquistas, seus amores”. O nome demonstra que o grupo se relaciona a elementos da natureza. A Flor “transmite a beleza, o amor e a sensibilidade da alma feminina” e o Barro “representa a arte de nossa cidade”.

Em meio às danças nordestinas que apresentam, destacam as “que significam o amor, o namoro, as grandes paixões, a graciosidade da mulher, a luta, a alegria, e o trabalho árduo do nosso povo”.

A direção do grupo é formada por: Josy Silva e Jailton Oliveira - Direção; Rosimere Quaresma - Coordenação; Gabriela Cardinalli – Secretaria e Manoelzinho Araújo – coreógrafo.

SISAIS

O Balé Folclórico “Sisais” foi desenvolvido por jovens que inicialmente encenavam a Paixão de Cristo, em 2005, na cidade de Pocinhos/PB. Posteriormente passaram a se dedicar também à pesquisa e à prática de danças e folguedos folclóricos, como Xaxado, Coco, Maracatu, Caboclinhos, entre outros. Conquanto priorize manifestações nordestinas, não resistem a apresentar também danças de outras regiões, em virtude da riqueza cultural que o Brasil possui. Fazem parte do grupo em média 50 (cinquenta) pessoas, entre atores, bailarinos e músicos. Recebeu do MINC (Ministério da Cultura) o certificado de “Ponto de Cultura Sisais”.



“BRILHO DA ILHA”

Existente desde 1992, tendo surgido no bairro do Ipase, São Luís/MA, o grupo se apresentava inicialmente nos arraiais do Maranhão, e, paulatinamente, em inúmeros palcos do Brasil e do exterior.

Vermelho, laranja, amarelo e preto são as cores do figurino do “Boi”, cujo corpo de baile é composto de 80 pessoas, sendo 120 integrantes, no total. Seus sucessos já foram ouvidos em vinil, CDs e suas apresentações já foram vistas em DVDs e Blue-Ray, com



repertório de contagiantes músicas dos compositores Mauro Cesar, Biné do Banjo, Marco Duailibe, Jailson Pereira, Betto Pereira, entre outros. Com afinada orquestra e harmoniosa coreografia, este é um grupo de Bumba-Meu-Boi de referência de São Luís/MA.

ORQUESTRA SANFÔNICA "TRUPÉ DO SERTÃO"

A Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão surgiu em meio às atividades realizadas na Associação Comunitária Sócio-Cultural de Major Sales/RN, de que eram associados músicos populares (sanfoneiros, zabumbeiros, pandeiristas, trianguleiros), onde também havia instrumentos musicais. A orquestra é composta por 11 sanfoneiros, um violeiro, um pandeirista, um zabumbeiro e um trianguleiro. A promissora iniciativa vem promovendo a profissionalização dos sanfoneiros de Major Sales, ensejando oportunidades de trabalho, visto que no Nordeste, em qualquer cidade, independentemente do tamanho, existem grupos municipais a animar festas populares, ou de aniversário, de casamento, e outras comemorações e bailes.



DA REGIÃO CENTRO-OESTE

É a segunda maior região brasileira, em extensão territorial, mas, a exemplo do Norte, também é pouco povoada (15.660.988 habitantes). Dela fazem parte os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, e o Distrito Federal.

A maior mobilização para essa região se deu por volta de 1750, quando rumores crescentes sobre a existência de ouro e diamante na região fizeram com que bandeirantes e aventureiros portugueses se deslocassem para aquelas paragens.

Mais tarde, com o aparente exaurimento das jazidas e o conseqüente isolamento da região, no século XIX, seus habitantes passaram a ter mais contato com os países adjacentes (Paraguai e Bolívia) do que com seus próprios compatriotas das demais regiões brasileiras (originando-se desse fato a persistente influência dos referidos países no Centro-Oeste).

Conforme dados do IBGE, na atualidade, o Centro-Oeste é para onde mais se recebe proporcionalmente movimentos migratórios, com 29,4% (2012) de domiciliados oriundos de outras regiões.

Privilegiada em termos de biodiversidade, é a Região do Brasil possuínte de três dos principais biomas do país: Amazônia, Cerrado e Pantanal.

Do Centro-Oeste do País, Goiás será representado por duas agremiações, Grupo Folclórico “Brasil Central”, de Anápolis, e Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês, de Catalão.

DO SUDESTE

Possuidora do maior parque industrial do país, esta região responde por 55,4% do Produto Interno Bruto (PIB - 2011), sendo a mais urbanizada das áreas brasileiras, onde nove em cada dez habitantes vivem em cidades.

É onde se localizam alguns dos principais patrimônios naturais e históricos do Brasil.

São Paulo, e seu rival de estimação, o Rio de Janeiro, lideram o turismo do país, de negócios (SP) e de lazer (RJ), com ingresso direto de 452.356 e 181.885 passageiros, respectivamente, em 2012.

O mais populoso e com o maior parque industrial do país, é o Estado de São Paulo, líder na produção econômica. Com acentuada influência da cultura e do comportamento indígenas até o fim do século XVIII, mescla a seguir forte contribuição de imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, judeus, sírios, libaneses e, no século XX, de migrantes nordestinos, que ajudam a construir sua riqueza, sua história e seus costumes.

Da Região Sudeste haverá um grupo do Espírito Santo, o Reis de Boi Mestre Nilo Barbosa, de Conceição da Barra, e quatro de Minas Gerais: Terno de Moçambique Diamante, de São Sebastião do Paraíso; Grupo Folclórico Aruanda, de Belo Horizonte; Grupo de Tradições Folclóricas “Fitas”, de Montes Claros (estreando em nossa festa maior), e Grêmio Cultural e Social Arraiá de São Matheus, de Belo Horizonte.

Do Estado de São Paulo estão confirmados grupos de oito cidades, os quais, na maioria, não vêm para ficar durante todo o evento; chegam no sábado, dia 12/08, e partem logo após o desfile do domingo. São estes: Associação Folclórica Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi, de Guarujá; Grupo de Fandango de Tamanco Cuitelo, de Capão Bonito; União Folclorista São Benedito do Belém, de Taubaté; Congada Terno de Sainha Irmãos Paiva, de Santo Antonio da Alegria; Grupo Moçambique de São Benedito Azul e Branco, de Guaratinguetá; Grupo Samba Lenço, de Mauá; Congada Três Colinas, de Franca; e Grupo Folclórico e Religioso Moçambique de São Benedito, de Lorena.

GRUPO “FITAS”

Idealizado por um grupo de estudantes, o Grupo de Tradições Folclóricas “Fitas”, em 2005, imediatamente passou a ter o apoio da Fundação Cultural Marina Lorenzo Fernandez, e se foi estruturando com a participação de vários dançarinos e de pessoas da comunidade. Em 2010 deu-se relevante parceria do Colégio Marista São José de Montes Claros, onde ensaiam e guardam os pertences do grupo. Reforçando o vínculo, foi criado o “Fitinhas”, grupo infantil e juvenil, formado por alunos de várias faixas etárias, organizados em subgrupos. O grupo apresenta danças gaúchas, Jongo, Xaxado, Frevo, Carimbó, Maracatu, entre outras.



DA REGIÃO SUL

Marcantes sinais da Europa se encontram nesta região, a mais fria do país, composta pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É a segunda mais relevante do Brasil no aspecto econômico, distinguindo-se por sua intensa atividade agropecuária. Sua formação cultural “decorre da miscigenação das culturas indígenas, dos bandeirantes paulistas e dos imigrantes europeus, que adotaram um estilo de vida singular”, tendo sido modesta a participação dos negros, visto que “a mão-de-obra escrava praticamente não existiu. Durante décadas, os imigrantes eram os únicos povos habitantes do sul do Brasil”. (Gustavo Côrtes, “Dança, Brasil”, Ed. Leitura, p. 162).

A abastada tradição cultural do Sul do Brasil faz dele uma privilegiada região, em que os ecos da Europa se somam a uma peculiar brasilidade.

GRUPO DE ARTE E TRADIÇÃO “ESTAMPA GAUDÉRIA”

Em 2004, pessoas da comunidade de Xangri-Lá/RS, entusiastas da cultura popular, decidiram criar um grupo tradicionalista para cultuar as danças artísticas gaúchas.

O nome escolhido foi Grupo de Arte e Tradição “Estampa Gaudéria”; o lema: “A tradição no Litoral é o nosso Ideal”; as cores: verde, azul, amarela, vermelha, preta e branca; o símbolo do grupo: o mapa do Rio Grande do Sul com um Quero-quero de asas abertas no centro do mapa e, na lateral direita, ondas bordadas, representando o litoral norte do Estado.

Em 2011 obteve a aprovação para filiação ao MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho).

É uma entidade sem fins lucrativos, sob responsabilidade do Patrão Vicente Egídio Teixeira e Capataz Geral Nilsa Schmidt, “que busca cada vez mais agregar pessoas, pois não tem porteira, como qualquer entidade tradicionalista”, “demonstrando através da dança e do laço o que é ser gaúcho, o que é ter tradição, o que é preservar a cultura, o que é ter história e fazer parte dela, o que é ter raízes, o que é ser Estampa Gaudéria”.



CENTRO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS "PIÁ DO SUL"

Prestes a completar 70 anos de existência, em dezembro deste ano, o CPF "Piá do Sul" foi criado em 1957 pelos estudantes Paulo Ruy Rodrigues Leal, Nereu Medeiros, Livio Medeiros, Wladimir Silvestre, Jorge Klug, Ely Dornelles Ferreira, Waldir Silvestre de Oliveira, Nelson Coutinho, Laudelino Medeiros e Antonio Hundertmarck, "inspirados pelas bênçãos de São Pedro e com a finalidade de pesquisar as caras tradições" gaúchas. Seus objetivos: "cultuar as tradições do Rio Grande do Sul, difundido sua história, costumes e folclore; promover a pesquisa e o estudo de tudo o que estiver ligado ao passado histórico do Rio Grande do Sul, buscando sempre elevar, cada vez mais, a moral e a cultura do Estado; dar apoio a todas as iniciativas que tenham finalidade idêntica às suas, acatando e defendendo as Constituições Federais e Estaduais, porém, sem desenvolver qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa". A entidade foi reconhecida como de utilidade pública, estadual e municipal, com Registro como Empreendedor Cultural Estadual e Municipal, tendo também conquistado o Selo de Qualidade e Autenticidade "ISO TCHÊ" concedido pela Fundação Cultural Gaúcha.



PROGRAMAÇÃO

53º Festival do Folclore de Olímpia

18h30 – Pavilhão Cultural

Abertura do Pavilhão Cultural e do Salão de Artes, com exposição de artesanatos.

Hasteamento das Bandeiras

19h30 - Hasteamento das Bandeiras de todos os Estados Brasileiros, Nacional e de Olímpia. Hinos à Olímpia e Nacional.

Espectáculo de Abertura

20h – Arena do Recinto do Folclore

O Espectáculo de abertura do Festival é promovida pela Secretaria Municipal de Educação, da qual participam centenas de alunos da rede municipal de ensino. Neste Festival o tema é: “Festa de um povo”: “A delícia do Folclore Brasileiro”.

20h30 – Desfile dos grupos presentes pela arena e discursos oficiais.

21h – Palco Principal

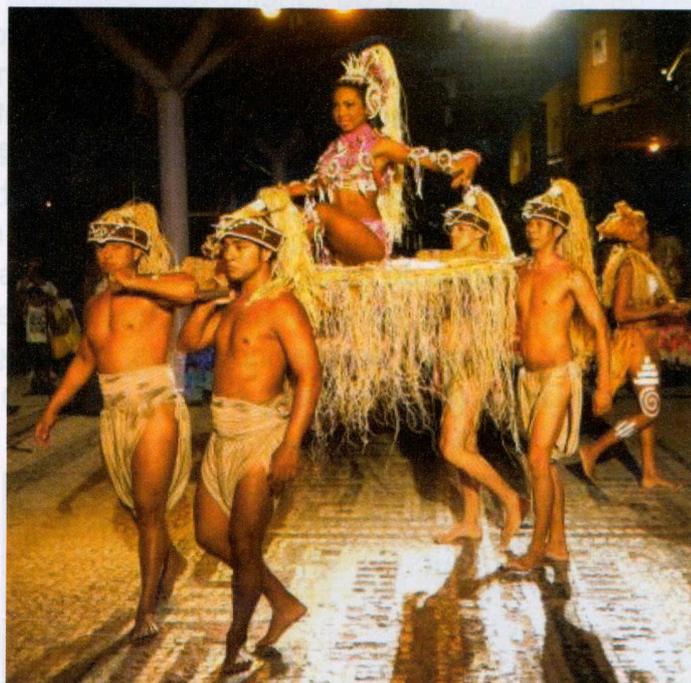
Apresentação de grupos folclóricos e parafolclóricos.

- 1- Maracatu AZ de Ouro – Fortaleza/CE
- 2- Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza/CE
- 3- Grupo de Reisado Zé de Moura - Poços de José de Moura/PB
- 4- Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA
- 5- Grupo Flor da Serra – Chã Preta/AL
- 6- Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra – Campina Grande/PB
- 7- Reis-de-boi Mestre Nilo Barbosa – Conceição da Barra/ES
- 8- CIA de Danças Folclóricas Trilhas da Amazônia de Belém/PA
- 9- Grupo Folclórico Aruanda – Belo Horizonte/ MG
- 10- Bumba-meu-boi Brilho da Ilha – São Luís/ MA



“BOI”

O auto do boi apresenta um enredo básico em quase todo o país: a negra Catirina, grávida, tem o “desejo” de comer língua de boi, mas a do mais belo do rebanho. Seu marido, o “Pai Francisco” ou “Pai Chico”, trabalhador na fazenda em que moravam, mata o animal pertencente a seu patrão para atendê-la. O boi é morto. O patrão por ele reclama, e depois de muitos entremeios de personagens caricaturados da sociedade, que vêm opinar sobre o ocorrido, o criminoso é descoberto. Rezas, rituais mágicos e remédios se seguem. O boi é ressuscitado e tudo vira festa.



“TRILHAS DA AMAZÔNIA”

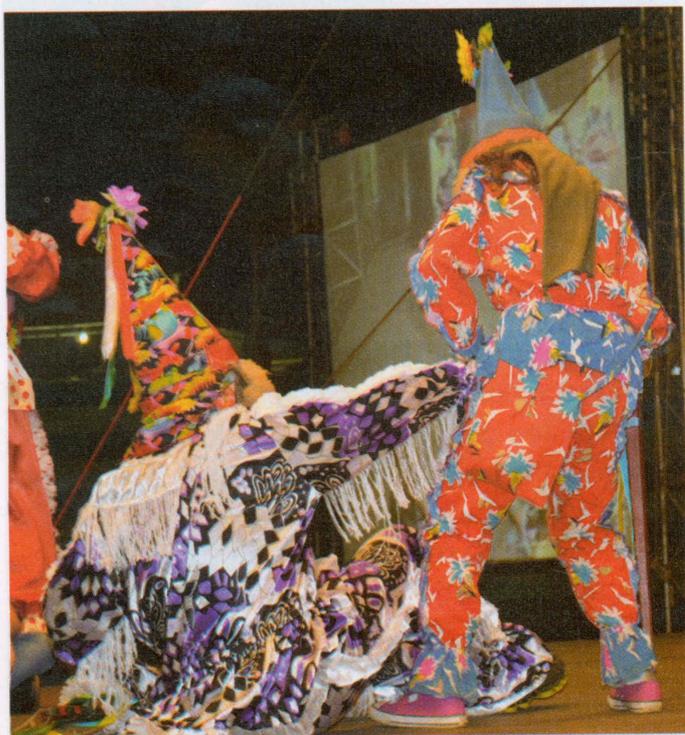
A Companhia de Danças Folclóricas “Trilhas da Amazônia” foi criada em 2002, por estudantes do distrito de Coaraci, em Belém/PA, com o propósito de difundir e preservar a cultura popular da região. Além de danças tradicionais da região, como Siriá, Desfeiteira, Maçariquinho, o grupo apresenta outras inspiradas em mitos e lendas, a exemplo do Boto e da Matinta Pereira.

Dia 06/08/2017 – Domingo – 20 horas

- 1-Companhia de Santos Reis “Estrela Guia do Oriente” – Olímpia/SP
- 2-Cia. de Santos Reis “Os Viajantes de Belém” – Olímpia/SP
- 3 -Os Catireiros de Olímpia - Grupo Nossa Senhora/Olímpia/SP
- 4- Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão – Major Sales/RN
- 5- Cia. de Santos Reis “Magos do Oriente” – Olímpia/SP
- 6-Terno de Moçambique de São Benedito – Olímpia/SP
- 7-Grupo Parafolclórico “Frutos da Terra” – Olímpia/SP
- 8- Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebé de Major Sales/RN
- 9- Grupo Folclórico “Brasil Central” – Anápolis/GO
- 10- Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” – Fortaleza/CE
- 11- Balé Folclórico “Sisais” - Pocinhos/ PB
- 12- Grupo Popular “Flor e Barro” – Caruaru/PE
- 13- Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA

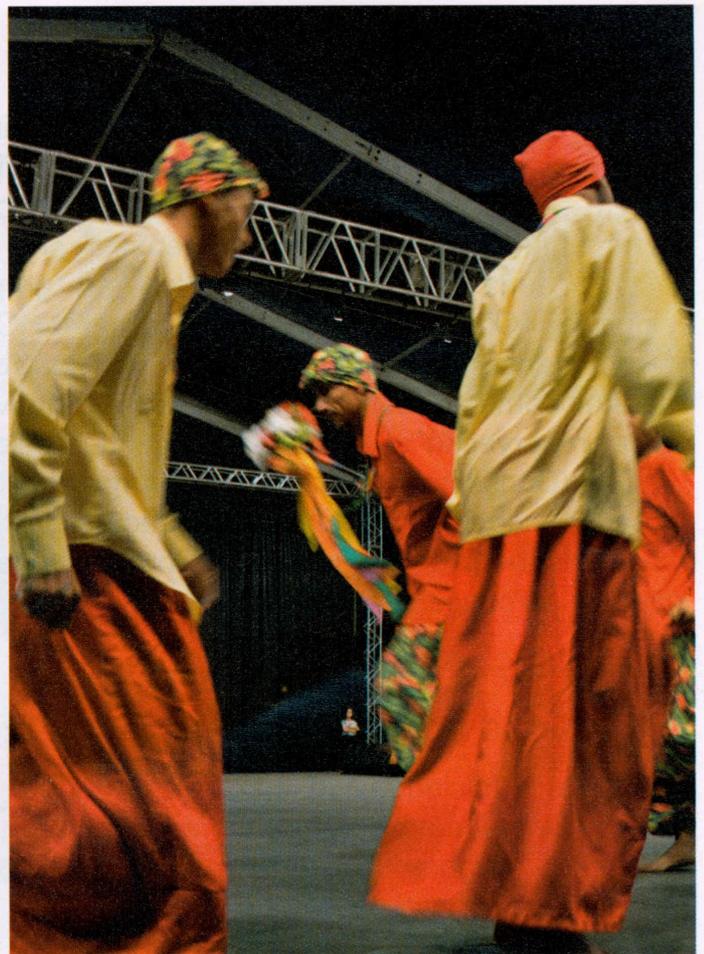
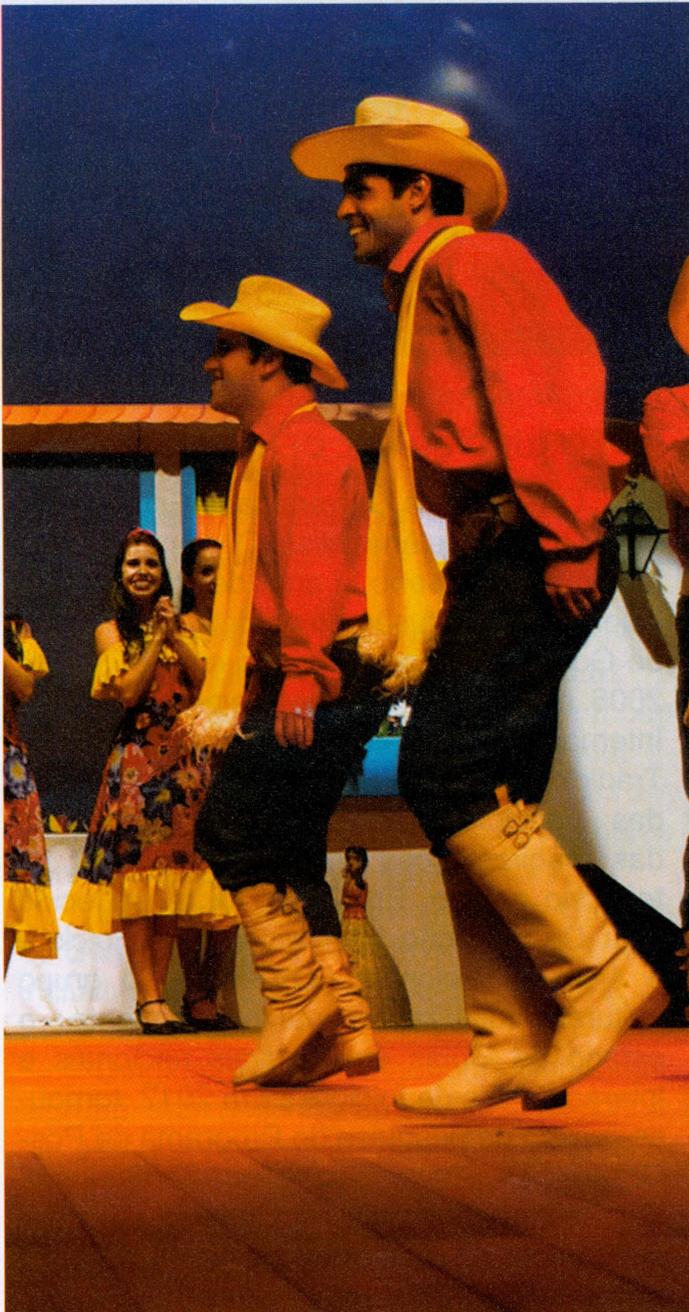
FOLIAS (OU COMPANHIAS) DE REIS

De origem portuguesa, derivam elas dos festejos realizados no Dia dos Reis Magos, tendo sido introduzidas no Brasil, no século XIX. Celebram o nascimento de Jesus Cristo e a visita que lhe fizeram os Três Reis Magos. Entre 24 de dezembro e 6 de janeiro (dia dos Reis Magos), as Companhias de Reis visitam as casas da redondeza em busca de donativos para a realização da festa, no dia 6 de janeiro (“peregrinação”). A indumentária dos integrantes das Folias de Reis é, em geral, simples. São trajes comuns, usados uniformemente pelos membros das Companhias. Destacam-se os “palhaços”, que usam máscaras que lhes ocultam todo o rosto, e chapéus em forma de cone, enfeitados com fitas e flores. A presença desses palhaços tem origem em muitas histórias, uma delas conta que eles representariam os Reis magos, que se disfarçaram na ocasião da visita ao menino Jesus, para fugir à perseguição do Rei Herodes. Cânticos em louvor a Deus, a Jesus e aos Santos Reis são entoados ao som de violas, violão, cavaquinho, pandeiros, entre outros.



CATIRA

É uma dança mais típica de Goiás, da zona rural, mas que também se propagou em outros Estados, como Minas Gerais e São Paulo, onde também é chamada Cateretê. É uma dança masculina, embora eventualmente se encontre alguma “catira feminina”, a exemplo das que integram “Os Catireiros de Olímpia” - Grupo Nossa Senhora/Olímpia/SP, coordenado por Durvano da Silva. Posicionados em duas fileiras opostas, os catireiros, coordenados por violeiros, sapateiam, pulam, batem palmas, fazem meia volta e trocam de lugar uns com os outros. Para alguns autores, a origem da dança seria portuguesa, derivando da *carretera*, praticada em Portugal, no século XVI. Para outros, seria indígena, já que *cateretê* é palavra proveniente do tupi-guarani.



MOÇAMBIQUE

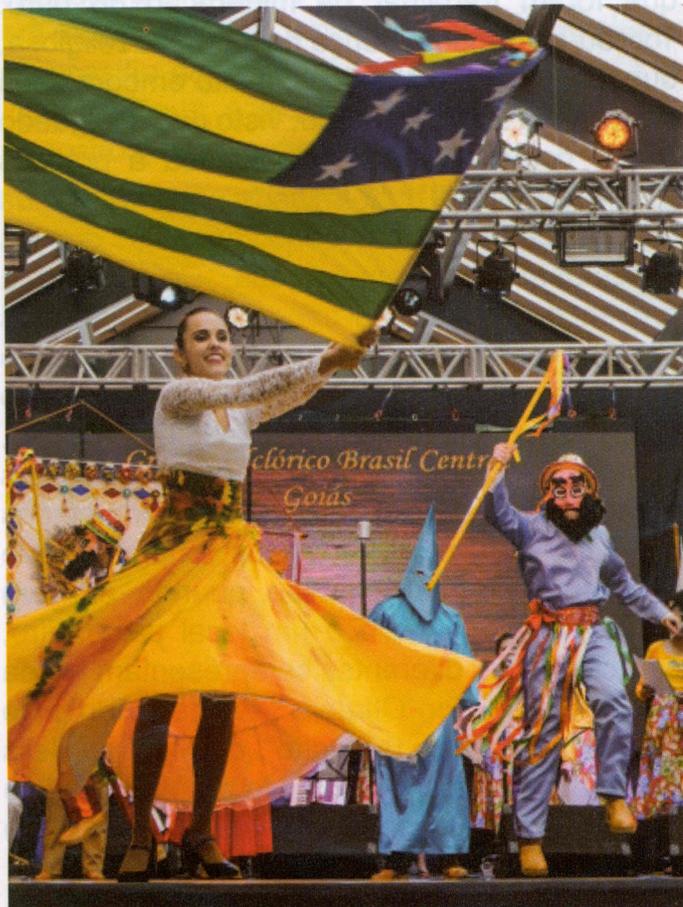
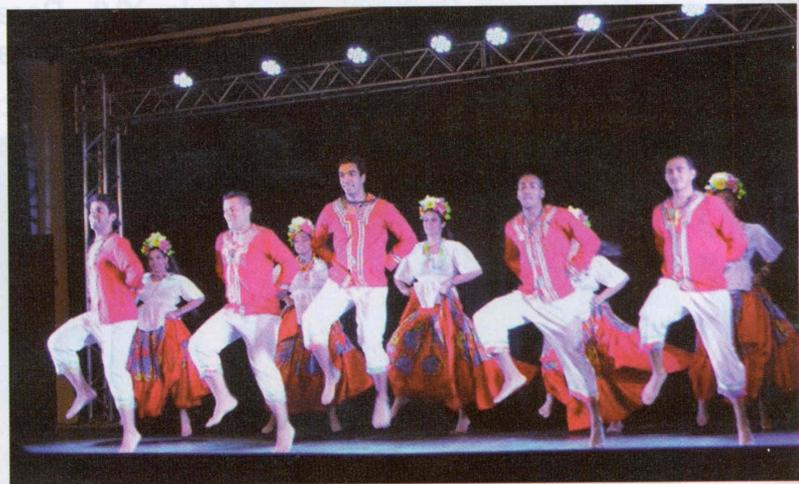
Popular, especialmente em São Paulo, Minas Gerais, consiste em um bailado que teria sido levado a essa região por escravos que foram trabalhar na mineração do ouro. Tornou-se também dança de intenção religiosa, que louva santos católicos, muito embora seus dançarinos inspirem medo, visto que o folguedo é tido como atividade relacionada a práticas mágicas. Não há uniformidade entre os grupos com relação ao figurino, aos cantos, às danças e também aos personagens. Destaca-se a presença dos reis, da bandeira e de diversos outros personagens, que variam dependendo do grupo e do local onde se exibem, a exemplo do mestre, contramestre, caixeiro, capitão, general, tocadores e dançadores. Muitos grupos usam lenço na cabeça, trazendo atados em seus tornozelos latas com chumbos que produzem um alto barulho quando dançam os moçambiqueiros. De um local para outro, características diferentes se apresentam nessa manifestação. Em Olímpia, temos o Terno de Moçambique “São Benedito”, do Mestre Adelis Paula dos Santos e a Guarda de Moçambique Pé de Coroa Nossa Senhora do Rosário, do Mestre José Ferreira.

GRUPO “FRUTOS DA TERRA”

Em agosto de 2007, estudantes olímpenses, aficionados do FEFOL, do qual participavam efetivamente, decidiram constituir um novo grupo parafolclórico, um grupo alegre, descontraído. Deu-se, então, início a um trabalho de pesquisas de danças, indumentárias e costumes paraenses, cujo Estado fora homenageado no ano anterior, e que seria o ponto de partida do grupo. FRUTOS significa “FILHOS”, e TERRA significa “OLÍMPIA”, sendo então, “FILHOS DE OLÍMPIA – FRUTOS DA TERRA”. O frequente contato com outros grupos brasileiros “trouxe inúmeros benefícios como aperfeiçoamento técnico, enriquecimento e divulgação do Folclore Brasileiro, além do resgate e da preservação”. O Grupo, atualmente presidido por Rafael Rego, hoje se encontra filiado ao CIOFF (Conselho Internacional das Organizações de Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais) e cadastrado junto ao IOV (Organização Internacional de Folclore e Artes Populares), ou seja, chancelados pelas duas maiores organizações não governamentais, detentoras de relações formais de consulta com a UNESCO.

CONGO DO MESTRE BEBÉ

Grupo folclórico que, como diz o próprio Mestre Bebé, “é uma cultura de raiz que vem passando de geração a geração”. É oriundo de uma tradicional festa que era realizada para celebrar os Santos Reis, cujos mestres eram o Sr. José Berto e o Sr. João Berto, respectivamente avô e pai do atual Mestre Bebé do Rei de Congo de Major Sales/RN. Iniciou suas atividades na década de 30, no então Sítio Cavas.



GRUPO BRASIL CENTRAL

O Grupo, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), de Anápolis/GO, comemora em dezembro deste ano 17 anos de preservação, valorização e difusão do patrimônio imaterial de Goiás. O Grupo foi criado em 2005. “Em 2006, o GFBC foi reconhecido pelo Conselho Internacional de Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais (CIOFF/UNESCO) como uma das principais representações folclóricas das manifestações culturais existentes no território goiano. Em 2010, foi reconhecido pela Organização Internacional de Folclore e Artes Tradicionais (IOV) como o grupo cultural que representa oficialmente o estado de Goiás em festivais nacionais e internacionais de folclore”. Em 2012, tornou-se projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (Teccer). Conta com 62 membros, sendo 48 do meio acadêmico e 12 da comunidade.



“TERRA DA LUZ”

O Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” teve seu nascedouro no SESI de Fortaleza, Ceará, onde, em 1962, em meio a outras atividades culturais, um grupo parafolclórico de danças com trabalhadores da indústria, foi então implementado e dirigido por alguns jovens pesquisadores (dentre eles o criador do “Terra da Luz”, o Prof. Francisco Silva de Freitas).

O crescente sucesso do grupo motivou, em 1979, o surgimento do “Terra da Luz”, o qual, depois passou a desenvolver de modo independente da já mencionada entidade.

Seu histórico ostenta muitas vitórias em eventos de caráter competitivo e inúmeras apresentações no Brasil e no exterior.

Estiveram presentes em vários festivais de Olímpia desde a década de 80, tendo sido inclusive cartaz da festa no 37º Festival do Folclore, em 2001.

Dirigido pela Profª Flaudenia Mendonça, o grupo, sem descurar da essência folclórica, se esmera no preparo de coreografias e figurinos, não se restringindo apenas a danças nordestinas, embora dê preferência a estas quando se apresenta na nossa festa maior.

“FRUTOS DO PARÁ”

“O grupo Parafolclórico Frutos do Pará foi fundado em julho de 1992, a partir de uma conversa entre integrantes do Pássaro Junino Tucano, manifestação folclórica paraense típica da quadra junina, caracterizada por ser um teatro popular. Apresentam em seus shows danças típicas e folclóricas que mostram a diversidade dos costumes de vários municípios paraenses, com suas danças características, como o Lundu e a dança dos Vaqueiros, típicas da Ilha do Marajó”. A Profª Nazaré Azevedo é diretora e coreógrafa do “Frutos do Pará”.



REIS-DE-BOI "MESTRE NILO"

O mais tradicional grupo de Reis-de-boi capixaba é hoje comandado por mestre Nilo Barbosa da Silva. Sua existência remonta ao quilombo de Negro Rugerio, atualmente "Vila de Santana", no município de Conceição da Barra/ES. O grupo ainda conserva importantes elementos da cultura popular como o engenho, a loba e o cavalo-marinho. É formado por homens que trajam camisas brancas transpassadas por duas fitas aderidas a um adornado chapéu. Tocam pandeiros, acompanhados por um sanfoneiro. Há também a figura do vaqueiro que representa o homem do campo a mercadejar produtos da fazenda.

GRUPO "PÔR DO SOL"

O Grupo Parafolclórico Pôr do Sol é uma entidade sem fins lucrativos, criada em 2002, na cidade de Quinta do Sol/PR, e que se dedica a pesquisas e à preservação cultural popular paranaense e brasileira. Desenvolve um trabalho em parceria com as unidades escolares da rede municipal do referido Município de que participam alunos de 09 a 12 anos. Seu repertório é formado por danças e folguedos de todas as regiões brasileiras, permitindo que em seus espetáculos o público possa apreciar as tradições populares de todo o país. O grupo é coordenado pelo Prof. Lucinei Carneiro

MARACATU AZ DE OURO

O mais antigo do Ceará, surgiu em 26 de setembro de 1936 por iniciativa de Raimundo Alves Feitosa e seus irmãos Zé Neguinho e Alcides (em memória), com o propósito de criar um maracatu para o carnaval de rua de Fortaleza/CE. Em 1937, o Maracatu desfilou pela primeira vez, com apenas 42 participantes. Foi o único maracatu no carnaval de rua de Fortaleza nos anos 1937 a 1950 a desfilar. De 1970 a 1978, o Maracatu Az de Ouro foi campeão do carnaval de Rua de Fortaleza como também dirigido por Joaquim Pessoa de Araújo (Mestre Juca do Balaio). Em 1979, assume a presidência o jornalista Paulo Tadeu, que dirigiu o Maracatu até 1980. O Maracatu Az de Ouro viveu momentos de crise, na década de 80, até que Antônio Marcos Gomes da Silva assumiu a presidência. Em 2066, o Maracatu Az de Ouro completou 80 anos de existência.

- 1-Cia. de Santos Reis "Caminho de Belém"- Olímpia/SP
- 2-Cia. de Santos Reis "Mensageiros da Paz" – Olí
- 3- Grupo de Tradições Culturais Xuatê (
- 4- Maracatu AZ de Ouro – Fo
- 5- Grupo Parafolcl
- 6- Reis



Dia 07/08/2017 – Segunda-feira – 20h00

a/SP

“Paz” – Olímpia/SP

is Xuatê Carajás – Parauapebas/PA

Duro – Fortaleza/CE

Parafolclórico Pôr do Sol – Quinta do Sol - PR

6- Reis de Boi Mestre Nilo Barbosa – Conceição da Barra – ES

7- Grupo Folclórico Aruanda – Belo Horizonte - MG

8- Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza – CE

9- Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra – Campina Grande – PB

10- Cia. de Danças Folclóricas Trilhas da Amazônia de Belém – PA



GRUPO DE TRADIÇÕES CULTURAIS “XUATÊ CARAJÁS”

O grupo propõe-se a representar manifestações da cultura popular ao cenário cultural de Parauapebas/PA, “resgatando uma identidade cultural ao município e fomentando a expressão artística cultural na região”. Expressa-se por meio de danças, músicas e cantos, dando preferência em suas apresentações em outras regiões à cultura regional amazônica. Em sua formação, em novembro de 2016, reuniu músicos, pesquisadores, artistas, artesãos e dançarinos. O vocábulo *xuatê*, de origem indígena significa *maraca* ou *maracá*, instrumento musical utilizado nesse folguedo.



“RAÍZES NORDESTINAS”

Sediado em Fortaleza-Ceará, o Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas, foi fundado no dia 18 de agosto de 1996 e é um grupo de pesquisa e produção cultural sem fins lucrativos. Inspira-se nos grupos de cultura nativa, projetando para a linguagem cênica, as várias manifestações da cultura popular tradicional, pesquisadas, coletadas e catalogadas pelo grupo, o que tem lhe permitido a realização de vários espetáculos diferentes. Busca desta forma envolver e estimular a formação de bons hábitos e atitudes, despertando nos assistentes o sentimento de amor e entusiasmo pelas nossas tradições, proporcionando assim um conhecimento maior e consciente das características do nosso povo, incentivando a preservação, a difusão das nossas raízes e, sobretudo reforçando e valorizando a nossa riqueza histórica e cultural. O Prof. Francisco Oliveira coordena o grupo.



ARUANDA

O Grupo “Aruanda”, de Belo Horizonte/MG, é uma entidade de caráter cultural, criado em 1960. Acumulou aproximadamente 100 (cem) danças com seus respectivos trajes, adereços e músicas, de modo a possibilitar que apresente variados espetáculos. Reconhecido de Utilidade Pública pelas leis Estadual 5762/71 e Municipal 160/70, o Aruanda, segundo informações de integrantes do grupo, este “é pioneiro no gênero em Minas Gerais e no Brasil, e executa as danças e os cantos mineiros, mas interpreta com igual propriedade as danças típicas de todas as regiões do país, revelando o grande painel da diversidade cultural brasileira”. “O nome Aruanda tem sua origem no refrão de uma música cantada no Maracatu e quer dizer: Terra de luz, terra de paz, mansão dos bem aventurados”.



GRUPO “FLOR DA SERRA”

O Grupo “Flor da Serra” é remanescente do “Núcleo Folclórico Beatriz Vasconcelos”, que, em dezembro de 2000, se propôs a preencher a lacuna deixada pelo saudoso Professor Pedro Teixeira de Vasconcelos, “Mestre Pedro”, cujo desaparecimento deixou órfã a comunidade. Formou-se então o “Flor da Serra”, nome herdado do Maracatu que o grande ícone de Chã-preta lhes legou. O grupo segue apresentando as danças e folguedos tradicionais alagoanos, a exemplo do Guerreiro, Pastoril, Coco, Quilombo. A equipe conta com 40 componentes. Maria das Graças De Vasconcelos é a Diretora/Presidente, e Italo Bruno de Vasconcelos Taliano, o Diretor de Cultura.



ACAUÃ DA SERRA

O Grupo de Tradições Populares “Acauã da Serra”, de Campina Grande/PB, existente desde 1986, tem por escopo a divulgação da cultura popular brasileira, com seus costumes, danças e músicas tradicionais e regionalistas. Participa ativamente da vida cultural da Universidade Estadual da Paraíba, de onde se desenvolveu. O nome, escolhido pelo Prof. Agnaldo Barbosa, que se encantou com o canto e a sagacidade do homônimo pássaro, na Serra do Acauã (situada entre os municípios de Acari e Currais Novos). Depois de longa ausência, está de volta ao FEFOL com o seu espetáculo “Raízes do Brasil”. É formado por 40 componentes, entre os quais: dançarinos, músicos, diretores, colaboradores. O Coordenador é Agnaldo Barbosa (geógrafo e professor-mestre da UEPB), e o Coreógrafo é o dançarino Roberto Gomes de Almeida.

Dia 08/08/17 – Terça-feira – 20h00

- 1-Cia. de Santos Reis “Estrela da Guia” – Olímpia/SP
- 2-Cia. de Santos Reis “Filhos de Maria” – Olímpia/ SP
- 3- Bumba-meu-boi “Brilho da Ilha” – São Luís/MA
- 4- Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” GODAP – Olímpia/SP
- 5- Reis de Boi Mestre Nilo Barbosa – Conceição da Barra/ES
- 6- Grupo de Reisado Zé de Moura - Poços de José de Moura/PB
- 7- Balé Folclórico Sisais – Pocinhos/PB
- 8- Grupo Expressão Popular Flor e Barro/Caruaru/PE
- 9- Grupo Folclórico Brasil Central – Anápolis/GO
- 10- Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra/Campina Grande/PB

GRUPO DE REISADO “ZÉ DE MOURA”

Um dos mais conceituados e tradicionais grupos de danças folclóricas da é Paraíba. Fundado em 1920, por José Alves Moura, acompanhado por membros da comunidade local, o Grupo de Reisado “Zé de Moura”, do município de Poços de José de Moura/PB traz uma bela mistura de muitas artes: o rei, com galantes e damas, assim como o boi, a burrinha e outras figuras, versejando improvisadamente sobre o lugar homenageado, e/ou elogiando ou criticando a situação do País.



REISADO

De origem portuguesa, é um folguedo nordestino que celebra o nascimento de Jesus e os três Reis Magos que o visitaram na ocasião, tal como as Folias de Reis do Sudeste, de que logo trataremos, das quais, aliás, diferem principalmente pelo figurino, pois, no Reisado, o traje é mais diversificado e colorido, com o uso de chapéus representando torres ou fachadas de igrejas e personagens diversos misturando-se aos reis e rainhas: embaixadores, mestre, corcunda, lobisomem, diabo, anjo, urso, e o tradicional boi no final do folguedo, morrendo e ressuscitando.

REIS-DE-BOI

É um folguedo que homenageia os Santos Reis, no qual se realiza o auto do boi, de grande ocorrência no Estado do Espírito Santo, especialmente nos municípios de Conceição da Barra e de São Mateus, estendendo-se a alguns do sul da Bahia. Compõe-se de vários elementos: o Boi, personagem principal, o Vaqueiro, Pai Francisco e a Catirina, João Mole (um boneco desengonçado), um grupo de marujos e outras figuras representando animais, monstros e fantasmas.

Dia 09/08/2017 – Quarta-feira – 20h00

- 1- Grupo “Dança de São Gonçalo” – Olímpia – SP
- 2-Cia. de Santos Reis “Três Reis Magos do Oriente a Caminho de Belém” – Olímpia – SP
- 3- Grupo Parafolclórico Terra da Luz – Fortaleza – CE
- 4- Associação Cultural Anástasis Artes Cênicas & Solidariedade – Olímpia – SP
- 5- Grupo Flor da Serra – Chã Preta – AL
- 6- Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebê de Major Sales – RN
- 7- Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão – Major Sales – RN
- 8- Grupo de Tradições Culturais Xuatê Carajás – Parauapebas – PA
- 9- Grupo Folclórico Aruanda – Belo Horizonte - MG
- 10- Grupo Parafolclórico Pôr do Sol – Quinta do Sol – PR

“A Associação Cultural Anástasis começou a partir da encenação da Paixão de Cristo em 2008, em Olímpia. Depois do resultado obtido pela encenação, sugeriu-se que fosse criada uma associação, que juntasse um trabalho solidário e cultural, daí surgiu a idéia de trabalhar não só com teatro mas também com danças. Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei 3719/2013. Esta Associação é Responsável pela realização do Auto da Paixão de Cristo há 7 anos. Além disso, a **Associação Cultural Anástasis** tem como objetivo capacitar e promover por meio da dança, o bem estar físico e mental propiciando a socialização com todos os tipos de pessoa, despertando assim o talento individual para os diversos ritmos da dança e consequentemente a consciência da linguagem corporal, melhorando a qualidade de vida dos mesmos além de fazer um trabalho de preservação e resgate cultural de nossas tradições”.

GUERREIRO

O Guerreiro deriva de reisados alagoanos. Mas a riquíssima indumentária e um número maior de figurantes e episódios imprimem ao “Guerreiro” uma característica mais moderna em comparação aos antigos reisados. Destaca-se no Guerreiro o uso de grandes chapéus, em formato de igreja, chamados “capelas”, que são enfeitados com pedras e espelhos (que, dizem, devolvem o mau-olhado a quem o lança). Os personagens são rei, rainha, contra-mestre, embaixadores, general, lira, índio-peri e seus vassalos, mateus, dois palhaços, sereia, estrela de ouro, estrela brilhante, estrela republicana, a banda da lua e as figuras. Às vezes, o tradicional “boi” e a Catirina também surgem no final.

PASTORIL

Folguedo também pertencente ao “ciclo natalino”, o Pastoril faz referência à adoração dos pastores ao Menino Jesus, por ocasião de seu nascimento. As “pastoras” (como são chamadas as integrantes desse folguedo) dividem-se em dois “cordões”, o Azul e o Encarnado. Usam saias, blusas, aventais, portando pandeiros. Da indumentária das pastoras pertencentes a cada um desses cordões, faz parte alguma peça da respectiva cor, azul ou encarnada. Há bailados, cantos, recitativos e diálogos homenageando o nascimento do Messias. É um folguedo muito conhecido no Nordeste, cultivado com mais evidência no Estado de Alagoas.



COCO

De origem negra, essa dança surgiu nos engenhos, no período da escravidão. Os escravos, para amenizar as dores decorrentes dos esforços empreendidos para quebrar cocos secos com os pés, faziam deles instrumentos musicais, cantavam e dançavam a dança de roda, às vezes com palmas e sapateados. Tamancos às vezes são usados para lembrar o barulho da quebra dos cocos. Teria surgido em Alagoas, mas se difundiu por todo o Nordeste, sendo também dançada, com variações, pelo Brasil.

QUILOMBO

É um folguedo alagoano de origem africana, surgido após o malogro dos quilombolas dos Palmares. Evoca as ferrenhas e sanguinárias lutas travadas entre os escravos fugitivos e os implacáveis capatazes. O conjunto musical é o Terno de Zabumba. A coreografia é uma simulação de luta, com o uso de foices pelos negros e de arcos e flechas pelos caboclos.

Dia 10/08/2017 – Quinta-feira – 20h00

- 1- Cia. de Santos Reis “Fernandes” – Olímpia/SP
- 2-Cia. de Santos Reis “Os Visitantes de Belém” – Olímpia/SP
- 3-Guarda de Moçambique Pé de Coroa Nossa Senhora do Rosário – Olímpia/SP
- 4- Grupo Folclórico de Danças Afro Brasileiras e Capoeira – Olímpia/SP
- 5- Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” GODAP – Olímpia/SP
- 6-Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA
- 7- Grupo de Tradições Folclóricas “Fitas” – Montes Claro/MG
- 8- Grupo de Arte e Tradição Estampa Gaudéria – Xangri-lá/RS
- 9- Grupo Folclórico Brasil Central – Anápolis/GO
- 10-Maracatu AZ de Ouro – Fortaleza/CE
- 11- Cia. de Danças Folclóricas Trilha da Amazônia de Belém/PA

ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA “RAÍZES”

A Associação de Capoeira e Artes Marciais “Raízes” (grupo Abiú Brasil Capoeira) participa do Festival do Folclore desde 1983, com apresentações de Capoeira e Maculelê, no palco e no Desfile de encerramento. O grupo, coordenado pelo Prof. Zé Cocão, também promove durante o FEFOL o “Encontro Brasileiro de Capoeira”, que, neste ano, em sua 27ª edição, se dará nos dias 12 e 13, na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, ao qual comparecem capoeiristas provenientes de vários rincões do Brasil. Na ocasião também se entrega graduação de capoeira, vindo capoeiristas de todo o Brasil para Olímpia. A Associação também realiza trabalhos com crianças e adolescentes, ensinando os primeiros passos da capoeira no município de Olímpia.

CAPOEIRA

Capoeira é dança, é jogo, é contenda. Antes, uma arma dos negros por sua liberdade; hoje, uma luta dançante, ao som de pandeiros, agogôs, atabaques e berimbaus. Foi introduzida no Brasil pelos escravos africanos, mas o nome é de origem tupi (Kapu’era), segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda, significando “terreno em que o mato foi roçado ou queimado para o cultivo da terra ou para outro fim”. É muito corrente na Bahia, mas há vários estilos de capoeira por todo o Brasil.



DANÇA DE SÃO GONÇALO

Dança de intenção religiosa, praticada geralmente em cumprimento de promessa, por devoção a São Gonçalo. É repleta de variantes pelo Brasil. No Mato Grosso, por exemplo, é dançada aos pares, e a imagem do santo é passada de mão em mão; em São Paulo, em forma de cortejo, uma fileira de mulheres, outra de homens; em Goiás, dançam apenas homens; em Minas Gerais, só mulheres, portando arcos, com apenas um homem representando o santo.

FANDANGO

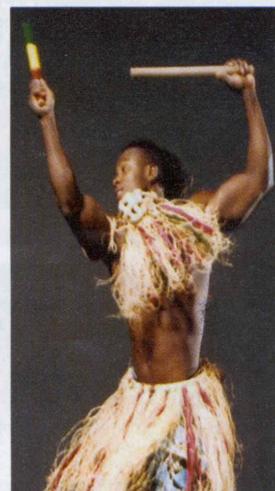
Usa-se o termo “Fandango” para designar uma série de danças populares. Em São Paulo, no litoral, Fandango compreende uma série de danças de pares mistos; no interior, é uma dança que muito se aproxima da catira ou cateretê, por causa do sapateado, dançada só por homens, que usam chapéu e lenço ao pescoço e botas com chilenas de duas rosetas.

No Nordeste, como vimos, é o nome que em algumas localidades se dá à Marujada. Na região Sul, significa festa que reúne diversas danças regionais.

No Paraná, especificamente, merece relevo o conjunto de “marcas”, nome com que se designam as danças apresentadas em festas típicas de caboclos e pescadores, realizadas na faixa litorânea do Estado, festas chamadas “Fandango”. Danças: Anu, Tonta, Marinheiro, Xará, Vilão de Fita, Sabiá, Tiraninha e Lageana. “O Fandango do Paraná, constitui uma suíte de danças que são chamadas de “marcas” e tem como principal característica o batido dos tamancos de madeira em assoalho de madeira, representa o costume do caboclo litorâneo de festejar uma boa colheita, um mutirão bem sucedido oferecendo um baile fandango, bailes estes que são comuns até hoje na região de Paranaguá”.

MACULELÊ

Dança guerreira de origem africana, em que os participantes, geralmente apenas homens, dançam ao som de atabaques e agogôs. Os escravos dançavam o Maculelê nos canaviais com pedaços de cana (a roxa, mais resistente). Conta-se que em ocasiões de tentativa de fuga de algum escravo, o Maculelê era dançado, para distrair os feitores, facilitando a evasão. É proveniente de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. O entrechoque de bastões e facões, pelos integrantes dos grupos, marcam essa manifestação, que teria também recebido influência indígena, segundo alguns folcloristas.

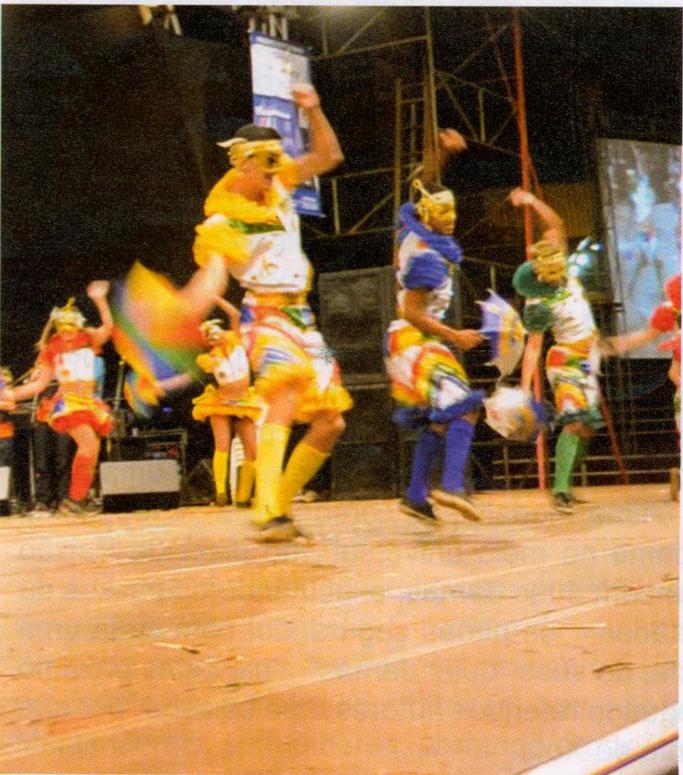


XOTES

É uma dança de salão, aristocrática, que saiu das “altas rodas”, incorporando-se aos bailes populares. São usuais as pronúncias “xote” e “xótes”. Alguns dizem que a origem dessa dança é alemã; outros, escocesa; outros, ainda, holandesa. No Norte do Brasil, há o Xote Bragantino (de Bragança Paraense, Pará), que também faz parte da Marujada em Bragança, dançada por pares, sempre em roda, em meio a volteios e batidas fortes dos pés contra o chão, na cadência da música, cujo passo principal é a saudação entre os cavalheiros e as damas. No Nordeste, região do país em que é mais executado, ao som das sanfonas ou foles nos bailes populares, o xote é dançado de diversas maneiras, havendo muitas variantes: xote pé-de-serra, xote batido, xote pé-de-parede. Xote, aliás, é um dos ritmos de forró na região mais festeira do Brasil. No Rio Grande do Sul, onde se amoldou à instrumentação típica, mormente a “cordeona”, há também algumas variantes, dentre as quais se destacam o Xote-carreirinho _ variante cuja maior característica é um movimento coreográfico em que os pares, enlaçados, dão passos ligeiramente “arrastados” e sapateados, numa “corridinha” _ bem como uma outra muito curiosa, o “Xote de duas damas”. Nessa última modalidade coreográfica _ “realmente excepcional”, “não só no meio rio-grandense, como no meio universal”, no dizer de Paixão Côrtes e Barbosa Lessa _ cada cavalheiro dança com duas damas, executando os passos da dança, ladeado por cada uma delas, de mãos dadas _ os peões segurando, com cada uma das suas, as respectivas mãos, direita e esquerda, de suas “duas damas” _ elevadas próximo à altura de seus ombros, entre outros passos. Segundo referidos autores, não se sabe “por que milagre veio surgir entre os gaúchos” essa variante do Xote.

MARACATU

O Maracatu relembra a coroação, pelos escravos, de seus reis. É característico de Pernambuco, mas recentemente também foi constatada sua presença em outros Estados do Nordeste. Para alguns autores, o nome deriva de maracá, instrumento musical utilizado nesse folguedo. Para outros, é resultado do barulho produzido por determinado ritmo com tambores que os negros utilizavam como senha para avisar a proximidade da polícia. O som lembraria o vocábulo “ma-ra-ca-tu”. O instrumental (o “toque”) é formado por gonguê, tarol, caixa de guerra. Vê-se no Maracatu, rico e colorido figurino, com bijuterias, espelhos e outros adereços cintilantes. Em muitos deles também se fazem presentes figuras representativas dos orixás do Candomblé. Do cortejo, fazem parte rei e rainha, príncipe e princesa, duque e duquesa, embaixadores, dançarinas com roupas típicas de baianas, o porta-estandarte, e, entre outros, a dama-do-paço, que porta uma boneca chamada “calunga”.



CAMALEÃO

Muito praticada no Nordeste, mormente na Paraíba, a dança faz alusão a esse réptil “metacromático”, muito comum na região citada, cuja principal defesa, além da camuflagem nas folhas, é o uso de sua cauda para chicotear quem o ameaça ou o agride. Teria sido esse ato de defesa do camaleão o que inspirou a dança, especialmente o passo do giro com um pulo. Há outros passos e movimentos além desse: passos laterais de deslize, saudação entre os pares, troca de lugares, sapateados rítmicos, requebrados, palmeados das mulheres e dos homens entre si e outros mais.

FREVO

Máxima expressão do carnaval pernambucano, embora se tenha espreado por todo o Nordeste, Frevo é uma dança que ganha as ruas e os salões no ciclo carnavalesco. É dançada individualmente. Acelerados e energéticos são os passos dos dançarinos, que, em rápidos movimentos, se abaixam e se alteiam, esticando e dobrando suas pernas. É uma dança que deriva da capoeira, de cujas lutas surgiram os passos ritmados e geométricos que a caracterizam. As sombrinhas coloridas, que muito simbolizam o frevo e que antes eram usadas como armas, tornaram-se adornos que também se prestam a ensejar equilíbrio e graça aos dançarinos, além de instrumento para acentuar seus malabarismos nessa eletrizante dança. O nome vem de “ferver”, “fervura”. Para a gente simples do povo, “frevura”, que culminou em “frevo”.

Dia 11/08/2017 – Sexta-feira - 20h00

- 1- Cia. de Santos Reis “Lapinha de Belém” – Olímpia/SP
- 2-Terno de Congada Chapéu de Fitas – Olímpia/SP
- 3- Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebê de Major Sales/RN
- 4- Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão – Major Sales/RN
- 5- Balé Folclórico Sisais – Pocinhos/PB
- 6- Associação Cultural Anástasis Artes Cênicas & Solidariedade – Olímpia/SP
- 7- Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul – Santa Maria/RS
- 8 - Grupo Parafolclórico Frutos da Terra – Olímpia/SP
- 9- Grupo Flor da Serra – Chã Preta/AL
- 10- Grupo Popular Flor e Barro – Caruaru – PE
- 11- Grupo de Reisado Zé de Moura - Poços de José de Moura/PB
- 12- Bumba-meu-boi Brilho da Ilha – São Luís/MA
- 13- Grupo de Tradições Culturais Xuatê Carajás – Parauapebas/PA
- 14 - Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza/CE



CARIMBÓ

Expressão máxima das danças folclóricas paraenses, o Carimbó é de origem indígena, dos Tupinambás, com marcante influência negra e portuguesa. Aos tambores somam-se outros instrumentos como banjo, maracás, reco-recos, flautas e pandeiros, numa mistura de sons que imprime ao ritmo uma característica singular. O nome, de origem tupi, deriva do principal instrumento utilizado (um atabaque grande), o curimbó (curi – pau e m’bó – oco ou furado). Merece destaque a brincadeira do lenço desenvolvida na dança, em que os dançarinos vão se abaixando, com as pernas abertas e esticadas, para pegar com a boca o lenço deixado no chão por uma dançarina, sem tocar a mão ou qualquer outra parte do corpo no chão.



DESFEITEIRA

Do Amazonas e do Pará, é uma dança lúdica, de origem portuguesa. Os pares vão dançando livremente. Há uma súbita parada da música executada pelo conjunto musical. O par que diante deste se encontra, no momento, é obrigado a declamar algum verso. Caso não o faça, é vaiado e deve pagar uma prenda, de modo a ficar “desfeitoado”.

LUNDU MARAJOARA

Trata-se de uma autêntica representação coreográfica de uma conquista amorosa, empreendida com sedutores passos e movimentos. De origem africana, essa é a mais sensual das nossas danças populares. Na música que a acompanha, predominam instrumentos de sopro e atabaque, num ritmo lento e cadenciado. Não é mais mostrada como no passado, em que as negras a dançavam com os seios à mostra. As dançarinas usam blusas curtas e saias rodadas e os homens, sem camisa (dependendo do local) e com calças curtas.

SIRIÁ

O nome é apócope de “Sirial”, denominação dada pelos negros ao local em que recolhiam siris. Essa dança provém da região de Cametá, Pará. Os movimentos coreográficos _ lentos inicialmente, acelerando-se do meio para o final _ evocam os que os pescadores executam para a coleta de siris. Os dançarinos usam grandes chapéus de palha, a exemplo dos pescadores da referida localidade.

RETUMBÃO

É uma das manifestações que integram a Marujada de Bragança paraense. As mulheres saem em cortejo pelas ruas da cidade, acompanhadas pelos homens e tocadores. É uma dança comandada pelas mulheres, por meio da Capitoa, que ostenta em suas mãos um bastão de madeira, ornado de flores, usado para indicar as mudanças de direção e de passos. As vestimentas do Retumbão são as mesmas usadas na Marujada. O ritmo da dança é determinado pelo tambor, o “bagre”. Dizem que o nome da dança provém das narrativas da região, segundo as quais eram “retumbantes” os sons dos tambores, fazendo-se ouvir a grandes distâncias.



VAQUEIRO DE MARAJÓ

Típica da Ilha do Marajó, Pará, onde há o maior rebanho de búfalos do país, esta dança retrata a lida dos vaqueiros do Norte do Brasil. Os dançarinos portam um laço para pegar gado e o giram acima de suas cabeças, simulando o preparo de uma laçada. Chapéus e capas são os trajes usados nessa dança, lembrando a roupa característica do vaqueiro dessa região, cujos movimentos em seu trabalho são coreograficamente imitados.

“ARRAIÁ DO SÃO MATEUS”

O grupo foi fundado em 29 de junho de 2001 na capital mineira objetivando desenvolver um trabalho cultural e social no cenário junino nacional. Temos como o objetivo principal preservar a cultura mineira e mostrar para todos os valores da arte de dançar quadrilha. “A cada apresentação uma história diferente é contada. “Foi o primeiro grupo mineiro a apresentar a temática para suas danças, entendendo que assim, o público no qual nos assiste, além de ver um grande grupo de dança folclórica, tem a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a história” que contam em suas apresentações.



Dia 12/08/2017 – Sábado – 20 horas

- 1- Grupo Moçambique de São Benedito Azul e Branco – Guaratinguetá/SP
- 2- União Folclorista São Benedito do Belém – Taubaté/SP
- 3- Associação Folclórica Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi – Guarujá/SP
- 4- Congada Terno de Sainha Irmãos Paiva– Santo Antônio da Alegria/SP
- 5- Grupo Samba-Lenço - Mauá /SP
- 6-Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês – Catalão/GO
- 7- Fandango de Tamanco Cuitelo – Ribeirão Grande/SP
- 8- Grêmio Cultural e Social “Arriá do São Mateus” – Belo Horizonte/MG
- 9- Maracatu AZ de Ouro – Fortaleza/CE
- 10- Grupo de Arte e Tradição Estampa Gaudéria – Xangri-lá/RS
- 11- Grupo de Tradições Folclóricas “Fitas” – Montes Claros/MG
- 12- Grupo Parafolclórico Pôr do Sol – Quinta do Sol/PR
- 13- Grupo Folclórico Aruanda – Belo Horizonte - MG
- 14- Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza/CE
- 15- Cia. de Danças Folclóricas Trilhas da Amazônia de Belém/PA
- 16- Grupo Parafolclórico Terra da Luz – Fortaleza/CE
- 17- Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA

SAMBA-LENÇO

É uma dança em louvor a São Benedito, introduzida pelos negros no Estado de São Paulo. Um único grupo a preserva, em Mauá, cidade paulista. Branca e vermelha são as cores predominantes no figurino. Os homens vestem camisas xadrezes, das referidas cores e calças brancas, chapéus de palha e lenços no pescoço. As mulheres usam vestidos longos com babados nas barras, decotes e mangas, acompanhados de anáguas, nas cores vermelha e branca, às vezes xadrezes, às vezes não. Usam chapéus comuns ou bordados (naquelas cores), lenço na cabeça, anéis, colares, brincos, broches, pulseiras. Membranofones e idiofones marcam o ritmo do samba-lenço, que, enquanto é dançado, apresenta melodias breves, simples, repetitivas e cantadas em coro pelos que assistem à apresentação do grupo. Muito querido pelo Mestre José Sant’anna, o Samba-lenço de Mauá/SP se apresenta no Festival do Folclore de Olímpia desde 1966.

CATUPÉ

Ainda tradicional em Minas Gerais, mormente nas cidades de Serro e Conceição, o Catupé (Catupê, Catopé ou Catopé) se originou no cortejo de negros que acompanhava as procissões de Nossa Senhora do Rosário. O catopê representa o “índio africano”, de cocar, mas sem arco, cuja função é divertir o público. Usa um manto comprido e colorido preso ao pescoço. Um cortejo real, sem representação dramática, desfila ao som de pandeiros, reco-recos e caixa de assobios. O rei e a rainha apresentam-se ricamente ornamentados, com coroas e flores. Seus integrantes vestem variegados saiotes, laçarotes e capacetes de penas.

TICUMBI

Espécie de versão espírito-santense da Congada, este folguedo é encontrado no Norte do Espírito Santo, especialmente nos municípios de Conceição da Barra e de São Mateus. Os protagonistas são o Rei de Congo e o Rei de Bamba (ou, mais simplificada, Rei Congo e Rei Bamba), que se destacam pelo traje: usam roupas brancas, coroas, feitas de papelão ricamente ornamentadas com flores, papel dourado, fitas e espelhos, e longas capas de cetim lamê cintilante. Portam espadas nas mãos, ou atadas à cintura. Uma batalha verbal se inicia entre os representantes das nações. Sucede-se outra, em que se usam espadas na representação, até que o Rei de Bamba é derrotado pelo Rei de Congo, que promove então o batismo do adversário, juntamente com seus liderados.

QUADRILHA

Típica de festejos juninos, a Quadrilha surgiu como dança aristocrática, proveniente dos salões da França, divulgada depois entre os europeus. Introduzida no Brasil como dança de salão, ela foi reelaborada ao sabor popular. Dos salões nobres, foi levada à zona rural, de cujas festividades é normalmente parte. Propagou-se pelas cidades e hoje é tradicionalmente dançada nas festas juninas. Há competições de Quadrilhas nas grandes festas. Com algumas variantes, é dançada em todos os Estados do Brasil.

ARARUNA

Do Rio Grande do Norte (também dançada na Paraíba) é uma dança que faz referência a um pássaro preto chamado Araruna, proveniente do Pará, muito comum na região. Ele é uma ameaça constante aos arrozais. Quando despontam os pendões de arroz, essas aves passam a comê-los avidamente. Se não são contidas, devoram toda a plantação. Para garantir a colheita, então, há que se afugentar essas aves. É desse tanger das ararunas que se originaram a dança e a letra da música: "Xô, xô, xô, Araruna ...".

MANEIRO-PAU

Também chamada Mineiro-pau, é originária da região de Cariri e de Juazeiro do Norte, no Ceará, onde os empregados das fazendas lutavam, em treinamento, com pedaços de madeira. Dança de roda em que os participantes portam um ou dois bastões que se entrecrocam, à maneira das espadas, sendo percutidos, ora grupalmente, ora entre um e outro dançarino, em revezamento, numa ordem na qual há duas, três ou mais batidas.



CABOCLINHOS

Grupos que se fantasiam de índios que saem pelas ruas das cidades nordestinas, no ciclo carnavalesco, ao som de pequenas flautas e bandas de pífanos, executando um ritmado bailado, numa sucessão de saltos e bate-pés, em meio aos estalidos secos das preacas (espécie de arco e flecha). Os dançarinos, que executam essa ágil coreografia, usam saias de penas, colares e cocares repletos de plumas e adornos cintilantes, em meio a outros adereços.

TORÉM

Dança de terreiro, de influência ameríndia, cujos participantes, de mãos dadas, formam um grande círculo. O tocador de aguaim (maracá), posicionado no centro, sacode-o, "puxando" a dança, que é imitada pelos demais participantes. É uma dança agitada, com movimentos de corpo, requebros, batidas de pés no solo e imitação de animais de seu convívio.

CACURIÁ

É uma dança típica do estado do Maranhão, surgida como parte das festividades do Divino Espírito Santo. Uma das tradições juninas, a dança é feita em pares com formação em círculo, o "cordão", acompanhada por instrumentos de percussão chamados caixas do Divino.

Programa Palco “Iseh Bueno de Camargo”

Dia 05/08/2017 – Sábado – 21 horas - 1- Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebê de Major Sales/RN; 2- Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão – Major Sales/RN; 3- Grupo Parafolclórico Terra da Luz – Fortaleza/CE; 4- Balé Folclórico Sisais – Pocinhos/PB; 5- Grupo Folclórico Brasil Central – Anápolis/GO; 6- Grupo Popular Flor e Barro – Caruaru/PE.

Dia 06/08/2017 – Domingo – 20 horas - 1- Grupo Folclórico Aruanda – Belo Horizonte/MG; 2- Bumba Meu Boi Brilho da Ilha – São Luís/MA; 3- Reis de Boi Mestre Nilo Barbosa – Conceição da Barra/ES; 4- Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra – Campina Grande/PB; 5 - CIA de Danças Folclóricas Trilhas da Amazônia de Belém/PA; 6- Grupo de Reisado Zé de Moura - Poços de José de Moura/PB; 7- Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza/CE; 8- Grupo Flor da Serra – Chã Preta/AL; 9 – Maracatu AZ de Ouro – Fortaleza/CE; 10- Grupo de Tradições Culturais Xuatê Carajás – Parauapebas /PA.

Dia 07/08/2017 – Segunda-feira – 20 horas - 1- Grupo Expressão Popular Flor e Barro – Caruaru/PE; 2- Grupo Flor da Serra – Chã Preta/AL; 3- Grupo de Reisado Zé de Moura - Poços de José de Moura/PB; 4- Grupo Folclórico Brasil Central – Anápolis/GO; 5- Balé Folclórico Sisais – Pocinhos/PB; 6- Bumba Meu Boi Brilho da Ilha – São Luiz do Maranhão/MA; 7- Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA.

Dia 08/08/2017 – Terça-feira – 20 horas - 1- Grupo Parafolclórico Pôr do Sol – Quinta do Sol/PR; 2- Maracatu AZ de Ouro – Fortaleza/CE

3- Grupo Folclórico Aruanda – Belo Horizonte/MG; 4- Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza/CE; 5- Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebê de Major Sales/RN; 6- Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão – Major Sales/RN; 7- Grupo Parafolclórico Terra da Luz – Fortaleza/CE.

Dia 09/08/2017 – Quarta-feira – 20 horas - 1- CIA de Danças Folclóricas Trilhas da Amazônia de Belém/PA; 2- Grupo de Arte e Tradição Estampa Gaudéria – Xangri-lá/RS; 3- Grupo Expressão Popular Flor e Barro – Caruaru/PE; 4- Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza/CE; 5- Grupo Folclórico Brasil Central – Anápolis/GO; 6- Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA.

BALAIÃO

“O Balaio é brasileiro da gema e procede do Nordeste”, na assertiva de Augusto Meyer em seu “Guia do Folclore Gaúcho”,

com o que estão concordes Barbosa Lessae Paixão Côrtes, segundo os quais, nas estrofes de seu canto não falta sequer um redundante “não quero balaio, não”, “bastante estranho ao linguajar gauchesco” (op. cit., pág. 113). No entanto, no Rio Grande do Sul, a dança ganhou aspectos próprios dessa localidade, sendo muito dançada entre os gaúchos. O nome tem origem na efêmera aparência de cestos que as saias usadas pelas dançarinas adquirem quando estas giram e se abaixam. Dois círculos concêntricos se formam, um de mulheres, outro de homens, que se movem em sentidos contrários, nos intervalos que se dão aos sapateados (dos peões) e aos sarandeios (das prendas), movimentos estes que predominam na coreografia.



CARANGUEJO

Essa dança já foi popular em todo o Brasil, sobre a qual se encontram referências desde o século XIX. Na atualidade, entretanto, verifica-se que se concentrou na região Sul, na qual é apresentada por vários autores como dança “grave”, “de pares dependentes”, derivada do minueto e de suas variações platinas.



DANÇA DOS FACÕES

É uma dança masculina, na qual os peões, portando cada um dois facões (ou espadas ou adagas), apresentam uma coreografia, entrechocando tais armas de modo a cadenciarem a música, executada ao som da gaita, com o possante tinido das lâminas.

Dia 10/08/2017 – Quinta-feira – 20 horas - 1- Grupo Flor da Serra – Chã Preta/AL ; 2- Grupo de Tradições Culturais Xuatê Carajás – Parauapebas/PA; 3- Grupo de Reisado Zé de Moura - Poços de José de Moura/PB; 4- Balé Folclórico Sisais - Pocinhos – PB; 5- Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão – Major Sales/RN; 6- Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebê de Major Sales/RN; 7- Grupo Folclórico Aruanda – Belo Horizonte/MG; 8- Bumba Meu Boi Brilho da Ilha – São Luiz do Maranhão/MA.

DANÇA DE SÃO GONÇALO

Dança de intenção religiosa, praticada geralmente em cumprimento de promessa, por devoção a São Gonçalo. É repleta de variantes pelo Brasil. No Mato Grosso, por exemplo, é dançada aos pares, e a imagem do santo é passada de mão em mão; em São Paulo, em forma de cortejo, uma fileira de mulheres, outra de homens; em Goiás, dançam apenas homens; em Minas Gerais, só mulheres, portando arcos, com apenas um homem representando o santo.

CANA-VERDE DE PASSAGEM

É uma das mais difundidas no Estado de São Paulo, especialmente no meio rural. Formam-se duas filas laterais, uma de rapazes, outra de moças. Os rapazes ficam batendo palmas, enquanto as moças se dão as mãos, formando um “cordão”, passando depois, em ziguezague, sob os “arcos” formados pelos braços erguidos e mãos dadas dos rapazes, após o que, cada uma vai parando diante de seu par. Os pares, então, se enlaçam e dançam, girando em torno de si próprios. Formam-se duas rodas concêntricas, uma girando no sentido contrário ao da outra. Há trocas de pares, bailados soltos, formação de duas fileiras em cruz, entre outros movimentos.

JONGO

O Jongo, de proveniência africana, tem algumas semelhanças com o Batuque e teria surgido em regiões de cultivo de café. No Estado de Minas Gerais, é denominada de “caxambu”, termo que também designa um dos instrumentos (um tambor grande) utilizado na dança. Os participantes revezam-se no meio da roda, fazendo evoluções marcantes, com grande remelexo. O ritmo, ora é lento, ora é célere. Há versos improvisados, que chamam de “pontos”, muitos deles, aparentemente, sem muita unidade e propósito. Não há trajes específicos nem período próprio para sua prática. Os jongueiros, pelo que constatou Alceu Maynard Araújo, “gozam de uma auréola de mágicos e feiticeiros” (op. cit. pág. 221).



DANÇA DO CAFÉ

No século XIX, o café se expandia pelo Brasil, enquanto se reduzia a capacidade das minas, principalmente nas searas que futuramente se denominariam região Sudeste (“civilização do café”). Os movimentos coreográficos dessa dança imitam os que os lavradores executam ao colher, mexer, sacudir e amontoar o café. As peneiras, indispensáveis ao exercício dessas funções, são também usadas pelos dançarinos na apresentação.

BALAINHA

É uma dança paulista, da qual só participam mulheres, portando arcos ornados de fitas e flores ou envoltos em papel crepom, a exemplo da variante mineira da dança de São Gonçalo. O principal momento da coreografia é aquele em que os arcos são unidos pelas dançarinas, formando a balainha. É muito apresentada em festas juninas.



TAMBORIL

Manifestação que faz parte de festividades em louvor aos santos católicos Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e São Benedito, em Minas Gerais, em especial na cidade de Dores de Indaiá.

Tal denominação se relaciona ao pequeno tambor usado pelos participantes. São também característicos os grandes chapéus ornados com variegadas fitas de papel crepom.

Dia 11/08/2017 – Sexta-feira – 20 horas - 1- Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém – PA; 2- Grupo Parafolclórico Pôr do Sol – Quinta do Sol – PR; 3- Associação Folclórica Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi – Guarujá – SP; 4- Grupo de Arte e Tradição Estampa Gaudéria – Xangri-lá - RS; 5- Maracatu AZ de Ouro – Fortaleza – CE; 6- Grupo Parafolclórico Terra da Luz – Fortaleza – CE; 7- Fitas Grupo de Tradições Folclóricas – Montes Claro – MG; 8- Cia. de Danças Folclóricas Trilhas da Amazônia de Belém – PA.



CHULA

A chula gaúcha é uma dança masculina, de desafio. Uma vara de madeira, chamada “lança”, é estendida no chão. Em cada um de seus extremos, posicionam-se os dançarinos desafiantes. Um deles começa o desafio, executando complicada série de sapateados, passando de um a outro lado da lança, sem tocá-la, recuando e avançando de sua posição inicial, até que a ela retorne e pare, ao terminar sua performance. Ato contínuo, o outro desafiante deve imitar-lhe os passos; se não conseguir, se deslocar a lança, ou destoar do ritmo da música, é desclassificado. Se tiver êxito, apresenta nova série de sapateados, os quais, após serem concluídos, devem ser reproduzidos pelo oponente e assim sucessivamente. Os desafiantes se revezam, enquanto as prendas acompanham a disputa, incentivando e ovacionando.

MAÇANICO

Proveniente de Santa Catarina e de origem aparentemente portuguesa, segundo alguns autores, o Maçanico ganhou notoriedade e cor própria entre os gaúchos, em especial pela utilização de seus típicos instrumentos. Um dos versos cantados é muito conhecido: “Quem não dança o Maçanico, não arruma namorado”. A dança desenvolve-se em meio a sapateados, sarandeiros, giros e movimentos em fila que evocam as formações dos antigos minuetos do Velho Continente. O nome dessa dança é corruptela de “maçarico”, ave do sul do Brasil.

TIRANA DO LENÇO

De origem espanhola, essa famosa dança chegou ao Brasil em fins do século XVIII e por aqui logo se espalhou, a desdobrar-se em muitas variantes, vindo a adquirir, no entanto, fortes nuances locais no Rio Grande do Sul. A dança retrata as fases de uma apaixonante história amorosa. Inicia-se com os recíprocos cumprimentos dos peões (homens) e das prendas (mulheres). As figuras se sucedem, em meio a recuos e aconchegos, representando amor e desavença entre os pares, que, ora estão juntos, ora se afastam. Há cenas de sorrisos cativantes e de olhares desafiadores. A Tirana “foge” do peão, que parte em seu encaicho, ela sarandeando e ele sapateando, até que ele lança mão de seu lenço e o agita garbosamente, atraindo-a. Em outra figura, o peão lhe demonstra indiferença (não sapateia ao sarandeio da prenda). Ela, então, “saca” de seu lenço e o atrai. O desfecho da dança mostra uma feliz reconciliação: os pares nos braços uns dos outros.

Dia 12/08/2017 – Sábado – 20 horas - 1- Grupo de Reisado Zé de Moura - Poços de José de Moura/ PB; 2- Grupo Folclórico e Religioso Moçambique de São Benedito – Lorena/SP; 3- Grupo de Tradições Culturais Xuatê Carajás – Parauapebas/PA; 4- Congada Três Colinas – Franca - SP; 5- Terno de Moçambique Diamante – São Sebastião do Paraíso/MG; 6- Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebê de Major Sales/RN; 7- Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão – Major Sales/RN; 8- Grupo Flor da Serra – Chã Preta/AL; 9- Balé Folclórico Sisais – Pocinhos/PB; 10- Grupo Folclórico Brasil Central – Anápolis/GO; 11- Bumba Meu Boi Brilho da Ilha – São Luiz do Maranhão/MA; 12- Grupo Expressão Popular Flor e Barro – Caruaru/PE; 13- Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul – Santa Maria/RS.



CHIMARRITA

É uma popular dança portuguesa (Açores e Ilha da Madeira), trazida ao Brasil pelos colonizadores no século XVIII. A coreografia recebeu fortes influências locais e foi modificada por aqui. No início, os pares dançavam-na enlaçados, num misto de valsa e xote. Hodiernamente, predomina a modalidade em que os dançarinos bailam soltos, numa e noutra direção, em fileiras ou em círculo. Nos países platinos, é denominada chamamé. No sul do Brasil, onde se fixou, é conhecida por chimarrita. Dizem alguns que esse nome é variante de uma referência à evocação de uma personalidade feminina (Chama-Rita).

PEZINHO

O romantismo pueril, ingênuo, a graciosa e infantil faceirice, são as grandes marcas dessa dança popular cuja música é quase um outro hino dos gaúchos “ai bota aqui, ai bota aqui o seu pezinho ... bem juntinho com o meu”, melodia trazida pelos colonizadores, que, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, adquiriu características próprias dessas localidades ao ser executada ao som da “cordeana”, típica do sul brasileiro. Uma marcação de pés ocorre na primeira seqüência coreográfica, em movimentos em que os pés dos cavalheiros e das damas se aproximam, após a qual os dançarinos entrecruzam seus respectivos braços direitos, girando em torno de si próprios.



BALAIO

“O Balaio é brasileiro da gema e procede do Nordeste”, na assertiva de Augusto Meyer em seu “Guia do Folclore Gaúcho”, com o que estão concordes Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, segundo os quais, nas estrofes de seu canto não falta sequer um redundante “não quero balaio, não”, “bastante estranho ao linguajar gauchesco” (op. cit., pág. 113). No entanto, no Rio Grande do Sul, a dança ganhou aspectos próprios dessa localidade, sendo muito dançada entre os gaúchos. O nome tem origem na efêmera aparência de cestos que as saias usadas pelas dançarinas adquirem quando estas giram e se abaixam. Dois círculos concêntricos se formam, um de mulheres, outro de homens, que se movem em sentidos contrários, nos intervalos que se dão aos sapateados (dos peões) e aos sarandeios (das prendas), movimentos estes que predominam na coreografia.

CAMPEONATOS DE BOCHA. MALHA E TRUCO

06 de agosto – 9h – Campeonatos de Truco e Bocha - Recinto do Folclore
06 de agosto – 9h – Campeonato de Malha – Ginásio de Esportes “Olyntho Zambom”

MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

07 a 10 de agosto – 14h às 16h
Espaço da Cultura no Recinto de Folclore



Apresentações diárias de alunos das unidades escolares municipais e de grupos folclóricos e parafolclóricos. Participarão alunos das EMEBs: Jardim Hélio Cazarini; Prof. Reinaldo Zanin; Grupos “Aruanda e “Trilhas da Amazônia” (07/08/2017); das EMEBs: Prof. José Sant’anna; D. Luiza Seno de Oliveira; Grupos “Az de Ouro” e “Flor e Barro” (08/08/2017); das EMEBs Washington Junqueira Franco; Miguel dos Santos; Zenaide Rugai Fonseca e os grupos “Raízes Nordestinas” e “Pôr do Sol” (09/08/2017); e das EMEBs Prof. Maurício C. Alves Pereira; Santo Seno; Silva Melo; Grupos do “Mestre Bebê” e “Estampa Gaudéria”.

SEMINÁRIO DE ESTUDOS RELACIONADOS AO FOLCLORE CIRCUITO DE PALESTRAS

07 a 10 de Agosto – 8:00 às 12 horas – Espaço da Cultura no Recinto do Folclore

Segunda-Feira – 07/08/2017

Palestra: Festas, Danças e Folguedos Cearenses – Grupo de Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas

Palestrantes: Poliana Santos Braga – Especialista em Cultura Folclórica Aplicada (IFCE). Presidente da Comissão Cearense de Folclore

Walden Luís Furtado – Teatrólogo, Pesquisador da Cultura Popular Tradicional, Membro efetivo da Comissão Cearense de Folclore

Intervalo

Palestra: A Cultura do Paraná na visão de Inani Custódio Pinto – Grupo Parafolclórico Pôr do Sol

Palestrante: Paulla Braz Neves

Terça-Feira – 08/08/2017

Palestra: A Cultura Popular: Modos de ver e viver as danças folclóricas da região nordeste em especial na Paraíba - Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra

Palestrante: Agnaldo Barbosa dos Santos e Roberto Gomes de Almeida

Intervalo

Palestra: O Bumba Meu Boi do Maranhão – Bumba Meu Boi Brilho da Ilha

Palestrante: Claudio Fonseca Sampaio

Quarta-Feira – 09/08/2017

Palestra: Imigração em Goiás – Grupo Folclórico Brasil Central

Palestrantes: Everton Santos Duarte e Adriane Santos Assunção

Intervalo

Palestra: A Importância do Folclore na Construção da Mineiridade – Grupo Folclórico Aruanda

Palestrante: Luís Wagner Cosse de Oliveira



Quinta-Feira – 10/08/2017

Palestra: Danças Tradicionais Gaúchas – Grupo de Arte e Tradição Estampa Gaudéria

Palestrante: Cláudia Francisca Gomes Sanna

Intervalo

Palestra: Pássaro Junino – Grupo Parafolclórico Frutos do Pará

Palestrante: Iracema Oliveira

Mestre de Cultura Popular pelo MinC e pela Secult/PA



GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS

07 a 10 de Agosto – 8h às 12h – Arena do Recinto do Folclore

Atividade que busca reativar o prazer pelos brinquedos tradicionais infantis, reunindo crianças em saudáveis competições. Dentre as brincadeiras, estão: amarelinha; pião; cabo-de-guerra; corrida-do-saco; pular corda e muitas outras.



PEREGRINAÇÃO PELAS RUAS CENTRAIS

De 07 a 11 de Agosto – a partir das 9h – Ruas do Centro de Olímpia

07/08/2017: Balé Folclórico Sisais; Grupo Xuatê Carajás; Flor da Serra e Reisado Zé de Moura; **08/08/2017:** Reis de Boi “Mestre Nilo Barbosa”; do “Mestre Bebê”; Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão; Grupo Pôr do Sol; **09/08/2017:** Grupos Terra da Luz; Flor e Barro; Trilhas da Amazônia e Estampa Gaudéria; **10/08/2017:** Brilho da Ilha; Aruanda; Maracatu AZ de Ouro e Grupo “Brasil Central”. **11/08/2017:** “Frutos do Pará”; “Piá do Sul”; “Raízes Nordestinas” e “Fitas. **12/08/2017** – 10h - sábado – Praça da Matriz: Todos os grupos presentes no FEFOL.

VISITA AO TÚMULO DO PROF. JOSÉ SANT’ANNA

12/08/2017 – 12h – Cemitério Municipal de São José

Homenagens ao idealizador e criador do Festival do Folclore de Olímpia, professor José Sant’anna, pelos grupos que visitam a cidade durante as festividades.

Grupo Parafolclórico Terra da Luz – Fortaleza – CE

Grupo Flor da Serra – Chã Preta – AL

BÊNÇÃO DE MOTOS E MOTOCICLISTAS

13/08/2017 às 9 horas no Recinto do Folclore

Iniciativa da Profª Mylene Gnçalves, para lembrar o “Moto Passeio” realizado nos festivais coordenados pelo Prof. José Sant’anna, o evento reunirá motociclistas de toda a região para acompanhar o 53º FEFOL.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL DA CASA DO CAIPIRA

05 a 13 de Agosto – a partir das 18h - Vila Brasil

Sábado 09/08/2017 – 18h: Grupo Cheiro do Mato – Monte Azul Paulista; Violeiros Mensageiros de Cristo; Marcos Paulo e Zé Pereira; Preto e Pretinha; Marcio e Marcílio; Dico e Guimarães; Fatima e Fernanda; Marinho e Tati; e Geraldo e Paulinha, todos de Olímpia/SP.

Domingo 06/08/2017 – 18h: Preto e Pretinha; Sr. Geraldo e Paulinha; Márcio e Marcílio; Marcos Paulo e Zé Pereira; Dico e Guimarães; Fátima e Fernanda, de Olímpia/SP.

Segunda-Feira 07/08/2017 – 18h: Preto e Pretinha; Sr. Geraldo e Paulinha; Márcio e Marcílio; Marcos Paulo e Zé Pereira, de Olímpia/SP; Ferreira e Colinense, de Colina/SP; Dico e Guimarães; e Fátima e Fernanda, de Olímpia/SP.

Terça-Feira 08/08/2017 – 18h: Preto e Pretinha; Geraldo e Crystian; Violeiros Mensageiros de Cristo; Márcio e Marcílio; Marcos Paulo e Zé Pereira; Ferreira e Colinense; Dico e Guimarães; Fatima e Fernanda, de Olímpia; e Léo Viola e Donizete, de Barretos/SP.

Quarta-Feira 09/08/2017 – 18h: Grupo Cheiro de Mato, de Monte Azul Paulista/SP; Preto e Pretinha; Marcos Paulo e Zé Pereira; Dico e Guimarães; Marcio e Marcílio; Tati e Marinho; Fátima e Fernanda; Geraldo e Crystian; Geraldo, Paulinha e Cido do Acordeom, de Olímpia/SP

Quinta-Feira 10/08/2017 – 18h: Grupo Cheiro do Mato, de Monte Azul Paulista/SP; Amanda e Larissa; Grupo Brazil Viola; e Elias e Decinho, de Barretos/SP; Márcio e Marcílio; Marcos Paulo e Zé Pereira; Ferreira e Colinense; Dico e Guimarães; e Fátima e Fernanda, de Olímpia/SP.

Sexta-Feira 11/08/2017 – 18h: Missa Sertaneja – Capela Santos Reis; Coral Raízes, Guaira/SP; Grupo Cheiro do Mato, de Monte Azul Paulista/SP; Duplas Club da Viola de Bauru/SP; Alan e Renan, de Marapuama/SP; Marcos Paulo e Zé Pereira; Preto e Pretinha; Dico e Guimarães; Marcio e Marcílio; Tati e Marinho; Fátima e Fernanda; Geraldo e Crystian; Geraldo, Paulinha e Cido do Acordeom, de Olímpia/SP.

Sábado - 10/08/2017 – 18h: Grupo Cheiro de Mato, de Monte Azul Paulista/SP; Orquestra de Viola São José, de Cajobi/SP; Marcos Paulo e Zé Pereira; Preto e Pretinha; Dico Guimarães; Marcio e Marcílio; Tati e Marinho; Fátima e Fernanda; Geraldo e Crystian; Geraldo, Paulinha e Cido do Acordeom, de Olímpia/SP.

DESFILE DE ENCERRAMENTO DO 53º FESTIVAL DO FOLCLORE

Ponto Máximo do FEFOL

Considerado o paroxismo do Festival, o Desfile será iniciado impreterivelmente às 9 horas do dia 13 de agosto de 2017. A concentração será na Av. Bruno Riscali, percorrendo a contramão da Avenida Menina Moça e, finalmente, as barracas e avenidas da Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”.

Por se tratar do acme do evento, a exemplo dos aspectos da cultura popular apresentados no decorrer da semana, apropriado se afigura apresentarmos alegorias representativas do folclore brasileiro, em conformidade com as características próprias de cada Região do Brasil: mitos, lendas, folguedos, danças, músicas e figuras típicas.

Inicialmente se dará a passagem de veículos oficiais do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar de Olímpia, a serem seguidos por voluntários integrantes do Grupo da 3ª Idade portando uma faixa estendida com os dizeres “Olímpia – 53.º Festival do Folclore” e um banner com o logotipo do FEFOL.

A abertura se principiará com a apresentação da dança Balainha pelo Grupo da Terceira Idade local, seguido pelo Grupo de Danças Afro-brasileiras e Capoeira e valorosos representantes da APAE e da DOA – Deficientes de Olímpia Associados. A seguir, figuras representativas de Camaleões; teatro, criado por Genival Miranda.

Uma segunda faixa “Olímpia – Capital do Folclore” antecederá o primeiro Carro “Sinhá-moça” representando a cidade de Olímpia.

Ato contínuo, a participação do Tiro de Guerra – TG 025, com sua Fanfarra e o Pelotão de Bandeiras: do Brasil, do Estado de São Paulo, do Município de Olímpia e dos demais Estados brasileiros.

No segundo, terceiro e quarto carros, estarão, respectivamente, a Rainha do 53º FEFOL, a Primeira e a Segunda Princesas, respectivamente, dando ênfase à tradicional beleza das mulheres olimpienses, e, no quinto carro, a Musa do Festival a ser eleita durante o evento.



Dando continuidade à mencionada ênfase, a Miss e o Mister da Terceira Idade passarão, fazendo jus, ainda, à elegância olimpiense.

Rainha do 53.º FEFOL (Jeana Carla Machado Fernandes Pereira); Primeira Princesa Roberta Ferreira Demiti; e Segunda Princesa (Roberta Fernanda Joventino)

A seguir, as regiões brasileiras (banner) se farão mostrar em carros, trajes típicos e grupos parafolclóricos provenientes de cada Região do país, sendo o sétimo carro representando a Região Norte; o oitavo, a Região Nordeste; o nono, a Região Centro-oeste; o décimo, a Região Sudeste e o décimo primeiro, a Região Sul.

Da ala seguinte participarão: Fanfarra de Barretos/SP; voluntários portando faixas e cartazes em homenagem ao criador do Festival, o Prof. José Sant’anna, à inolvidável folclorista Iseh Bueno de Camargo, e à Prof.ª Zeca Scura.

Finalmente, desfilarão os grupos folclóricos presentes no FEFOL, com faixas de agradecimento, encerrando-se o Desfile com carros antigos e motociclistas.

Pela relevância desse “confraternizante” encontro, chamado “ponto máximo do Festival” por seu criador, Prof. José Sant’anna, salientemos que se afigura ele como revelador de um dos verdadeiros significados do folclore.

Subcomissão de Desfiles e Peregrinação

Domingo – 13/08/2017 – A partir das 15h00 - Encerramento com a participação de todos os artistas que se apresentaram durante o Festival na Vila Brasil.

Dia 13/08/2017 – Domingo – Palco Principal – 19h30 - Encerramento Oficial - Cerimônia de encerramento das festividades com a participação dos grupos folclóricos e parafolclóricos no palco principal.

GODAP CELEBRA 50 ANOS DE SUCESSO *Jubileu de Ouro*



“Temos certeza de que a Prof. Cidinha Manzolli atingiu a meta desejada e, assim sendo, muito podemos esperar do seu espírito de dedicação: culto, dinâmico e criador. É executante exímia, professora dedicada e resoluto. Sempre se nos afigurou uma curva ascensional. O seu trabalho nos encanta, porque é sincero e compreensível”.

José Sant'anna



“Muita pesquisa foi feita com o pessoal das regiões onde as danças foram preservadas e um belo trabalho de montagem de coreografia, a fim que essas danças apresentassem, como hoje, a graciosidade dos olimpienses, a arte de Cidinha Manzolli, o folclore musical brasileiro”.

Iseh Bueno de Camargo

Uma das primeiras seguidoras do Prof. José Sant'anna, a Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, “Cidinha Manzolli” participa do Festival do Folclore desde o primeiro, em 1965.

O GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, criado e ainda dirigido por Cidinha, e que ora celebra seu cinquentenário, se apresenta em nossa festa maior desde sua criação, e já participou de inúmeros eventos no Brasil e no exterior, por onde vem divulgando o nome de nossa “Capital do Folclore” e do magnífico Festival que realiza.

Ela é atualmente a maior autoridade no assunto em Olímpia.

Em maio de 2015, um vídeo da Dança do Bambu apresentada pelo GODAP foi disponibilizado na fanpage do grupo e “viralizou” na rede mundial de computadores; mais de 20 milhões de acessos à exibição da dança pela internet.

O grupo se apresentou, ao vivo, no “Encontro com Fátima Bernardes”, da Rede Globo de Televisão, em 03/07/2015. Em 05/09/2015, o GODAP participou do programa “Revista de Sábado”, da TV Tem. No mesmo dia, foi atração do programa “Legendários”, da Rede Record. Em 2016, o grupo se apresentou ao vivo no Domingão do Faustão, na Rede Globo, em 14/02/16, e em 18/06, no programa da Sabrina Sato, na Rede Record. Em todos eles, a apresentação do grupo se deu com altos índices de audiência.

Olímpia tem muito a agradecer à Profª Cidinha Manzolli, exímia folclorista, dinâmica empreendedora na seara cultural.

Nossas mais efusivas congratulações e felicitações à D. Cidinha e ao espetacular GODAP, por esta efeméride que merece ser condignamente celebrada e lembrada.

André L. Nakamura

Expediente: PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

Expediente: Avenida Menina Moça, nº 800, Vila Hípica, CEP: 15.400-000 - Olímpia/SP

Telefone: (17) 3280-4989

Diretor: José Sant'anna (in memorian)

Diretor Executivo e Redação: André Luiz Nakamura

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Ricardo Gonçalves

Presidente da Comissão Executiva do 53º Festival do Folclore: Maria Justina Boitar Riscali (Tina Riscali)

Presidente da Diretoria Executiva da Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro: Davi Seixas Mendes

Fotos: Alisson Lopes, Camila Reale, Janaina Longhi, Mayla Ruas, Orlando Costa e Priscila Minani

Edição da Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro